

GABRIEL NATAN GOMES FERREIRA

A REVELA AO SER HUMANO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Armando Rafael
Castro Acquaroli.

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Ferreira, Gabriel Natan Gomes

A revelação ao ser humano contemporâneo / Gabriel
Natan Gomes Ferreira; Orientador: Armando Rafael
Castro Acquaroli; Florianópolis, SC, 2022.

94 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de
Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Ser Humano 2. Comunicação 3. Revelação 4. Igreja
Católica. II. Título.

GABRIEL NATAN GOMES FERREIRA

A REVELA AO SER HUMANO CONTEMPORÂNEO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 11 de agosto de 2022.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Armando Rafael Castro Acquaroli
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Vilmar Dal Bó Maccari
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Aos meus pais e todos aqueles que me ensinam a viver e a ser melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela perseverança e pela fé. Aos meus pais, pelo amor, testemunho e confiança que sempre me deram. Aos meus pais e familiares, pelo colo sempre disponível e pela alegria nos encontros. Ao Padre Almir (*in memoriam*), pelos conselhos, incentivos e testemunho em minha vida vocacional.

À diocese de Blumenau e ao Seminário Teológico Mãe de Jesus, pela acolhida, incentivo, educação e apoio. Aos amigos e companheiros seminaristas, pela paciência e convivência. Ao professor padre Armando Acquaroli, pelo acompanhamento, orientação e dedicação dispensados. À Faculdade Católica de Santa Catarina e seus funcionários, pelos ensinamentos e orientações.

Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João, que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo.

Feliz aquele que lê as palavras desta profecia e felizes aqueles que ouvem e guardam o que nela está escrito.

(Apocalipse 1,1-3)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar a revelação divina ao ser humano contemporâneo. Para tanto, a proposta, a partir da Sagrada Escritura e dos documentos da Igreja, é apresentar que a iniciativa do diálogo e do encontro sempre parte Dele. Assim, a história de salvação é toda revelação, ou seja, comunicação. Tal pensamento leva à reflexão sobre como o ser humano, pode no contexto atual compreender e reconhecer a Revelação de Deus. A metodologia dessa pesquisa é de cunho bibliográfico e de exploração conceitual. Assim, a relevância da pesquisa consiste em apresentar, à luz do pensamento da Sagrada Escritura e dos documentos da Igreja a autocomunicação de Deus com o ser humano. Os resultados obtidos por esta produção científica têm um espaço significativo e ao mesmo tempo necessário para a compreensão da comunicação entre Deus e o ser humano no meio que se vive.

Palavras-chave: Ser humano. Comunicação. Revelação. Igreja Católica.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Cor – 1ª Coríntios
1Jo – 1ª João
1Rs – 1ª Reis
1Tm – 1ª Timóteo
1Cor – 1ª Coríntios
2Cor – Coríntios
1Pd – 1ª Pedro
2Pd – 2º Pedro
2Ts – 2ª Tessalonicenses
Ap – Apocalipse
At – Atos
Br – Baruc
CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano
CIC – Catecismo da Igreja Católica
Cl – Colossenses
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp – Documento de Aparecida
DH – *Denzinger Hunnermann*
Dt – Deuteronômio
DV – *Dei Verbum*
Ef – Efésios
EG – *Evangelii Gaudium*
Ex – Êxodo
Fl – Filipenses
Ft – *Fratelli Tutti*
Gl – Gálatas
GS – *Gaudium et Spes*
Hb – Hebreus
Is – Isaías
Jo – Evangelho segundo João
Jr – Jeremias
Lc – Evangelho segundo Lucas
LG – *Lumen Gentium*
Mc – Evangelho segundo Marcos

Mt – Evangelho segundo Mateus

Rm – Romanos

Sf – Sofonias

Sl – Salmos

Tg – Tiago

Tt – Tito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A REVELAÇÃO NA SAGRADA ESCRITURA	19
1.1 PRERROGATIVA DA PALAVRA: DEUS CRIA COMUNICANDO	23
1.1.2 A revelação no Antigo Testamento	23
1.1.3 A Aliança com Noé	25
1.1.4 Eleição de Abraão.....	26
1.1.5. Deus forma seu Povo Israel	28
1.1.6 Deus se comunica pelos Profetas	31
1.2. JESUS CRISTO: O COMUNICADOR DO PAI	33
1.2.1. Jesus, palavra de salvação e glória de Deus	37
1.2.2. Jesus, revelação escatológica de Deus	39
2. A REVELAÇÃO DIVINA NA IGREJA	43
2.1. A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E A REVELAÇÃO	46
2.2 A IGREJA: SINAL PRESENTE DA REVELAÇÃO	51
2.2. A REVELAÇÃO NOS CONCÍLIOS ECUMÊNICOS VATICANO I E II.	54
2.3. O TEMA DA REVELAÇÃO NO PAPADO DE FRANCISCO....	58
3. A REVELAÇÃO NA ATUALIDADE	63
3.1. O SER HUMANO CONTEMPORÂNEO	64
3. 2. A RESPOSTA AO SOFRIMENTO HUMANO	72
3.3. A REVELAÇÃO NO HOJE	76
3.4. DO SER OUVINTE AO SER ANUNCIADOR	78
CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

Durante toda a história da humanidade, Deus manifesta-se ao seu povo de diversos modos, através da Palavra. Mas é possível o ser humano ouvir e entender essa Palavra? Todas as pessoas, por sua essência espiritual, estão propensas a uma abertura ao Criador. Com isso, a transcendência do homem é querida de antemão como o espaço de autocomunicação de Deus.

O ouvinte, alimentado pela Palavra, é convidado a transmiti-la, ir ao encontro dos que mais precisam. Assim, a Igreja não pode deixar de intensificar o diálogo com a sociedade, principalmente neste período de mudanças sociais. Evangelizar é comunicar. A salvação, depois de experimentada, deve ser anunciada. Na sua constituição e essência, a Igreja é comunicação. A revelação realizada no Verbo encarnado é imediata e perfeita, revelando-se como autocomunicação do amor de Deus pelos homens. O Verbo, definitivamente, nos coloca em comunhão com o Pai. Mostra-nos a importância da Palavra e seus poderes transformadores.

Assim, diante dessa realidade, de que o homem é um ser propenso a um diálogo com Deus, três questionamentos foram referenciais ao refletir essa temática e a estruturar todo o trabalho: o ser humano tem consciência de que nasceu da revelação de Deus e é chamado a dialogar com Ele? Como a Igreja tem auxiliado a humanidade a entender a mensagem do Criador? Quão intensamente os seres humanos têm entendido a revelação no hoje de sua existência, mesmo diante de realidades desafiadoras da vida?

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar aspectos da revelação de Deus na Sagrada Escritura e aos seres humanos no contexto atual. Diante disso, expor aspectos da revelação na Sagrada Escritura significa buscar compreender a comunicação de Deus a partir da Igreja Católica e, por fim, relatar aspectos da revelação de Deus na atualidade aos homens hodiernos. À vista disso, procura-se responder como se dá a revelação de Deus com o ser humano no contexto atual da sociedade. A relevância dessa pesquisa consiste em demonstrar que ao longo da história Deus se comunicou e continua, mesmo em um período de sofrimentos, angústias e transformações sociais e culturais, a comunicar-se com os

seres humanos. A metodologia, durante essa empreitada acadêmica, utilizou-se do diálogo com teólogos, da leitura dos documentos da Igreja e dos textos da Sagrada Escritura para estruturar este trabalho em três capítulos.

No primeiro disserta-se sobre aspectos das etapas da revelação de Deus na história humana, conforme a sequência cronológica apresentada na Sagrada Escritura. O segundo capítulo aborda aspectos da autocomunicação de Deus que continua com a Igreja, a partir dos Apóstolos, e que o Santo Espírito, é aquele que vem a ser nosso auxílio para recordar os ensinamentos dados a nós por Jesus e nos ensinar o que for necessário. Por fim, no terceiro capítulo, apresentam-se os valores do Reino, que são possíveis de serem vividos e não apenas idealizados, no contexto atual, conhecendo-se o sujeito com quem se dialoga, para que ele possa, diante de tantas realidades de dor e sofrimento, compreender a ação do Criador.

A proposta desta pesquisa possui relevância no âmbito acadêmico, pois este trabalho pode e deve proporcionar embasamento para futuras reflexões situadas, sobretudo, no contexto da revelação nos dias hodiernos aos seres humanos. Evidentemente as premissas que motivam esta pesquisa podem e devem servir para novas indagações. O trabalho realizado parte da apresentação dos conceitos e dos conteúdos que se caracterizam como atual e necessário, situando-se dentro de reflexões e discussões muito em voga atualmente.

1 A REVELAÇÃO NA SAGRADA ESCRITURA

Durante todo o percurso da história da salvação, Deus comunica-se de várias formas: na criação, quando sua Palavra realiza o que diz: “haja luz” (Gn 1,3)¹; na criação do ser humano, que é dada por Deus pela Palavra: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1, 27). Essa Palavra continua a ser dada aos profetas e tem seu ápice em Jesus Cristo, traduzido nas palavras do Evangelista João: “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

No início da carta ao Hebreus, afirma-se que:

Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos.²

O autor da carta aponta que todo o processo da Revelação de Deus, desenvolve-se em um processo histórico, ou seja, faz um caminho e busca chegar ao momento culminante, descrito como um só verbo: Falar. O falar de Deus à humanidade está presente no Antigo e no Novo Testamento. Latourelle assegura:

Rompeu Deus o silêncio: saiu de seu mistério, dirigiu-se ao homem e desvendou-lhe os segredos de sua vida pessoal; comunicou-lhes seu desígnio inaudito de uma aliança que levasse a uma participação de vida. Deus, o Deus vivo, *falou* à humanidade. Esse o fato imenso que domina ambos os Testamentos. Essa palavra, inicialmente longínqua, confusa, intermitente, como que numa série de sons destacados inteiros em Jesus Cristo, Filho do Pai, Verbo do Pai, torna-se Evangelho e ressoa, clara e distinta como uma mensagem: a “palavra da Boa-nova” (At 15,7), [...] A revelação ou a palavra de Deus à humanidade é a primeira

¹ BÍBLIA de Jerusalém. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

² Hb 1,1-2.

realidade cristã: o primeiro fato, o primeiro mistério, a primeira categoria. Toda economia da salvação na ordem do conhecimento repousa sobre esse *mistério* da automanifestação de Deus confidência de amor.³

A Sagrada Escritura e sua história sabe que a revelação de Deus não consiste numa coleção de palavras ou de doutrinas verbalizadas, mas no uso absoluto do “falar”, sem especificação do objeto, que leva para um primeiro plano a relação e comunicação interpessoal. O evangelho de São João expressa: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1,18). A iniciativa de se manifestar na história da humanidade é de Deus. Assim, falou, de diferentes modos aos pais por meio dos profetas e agora nos falou por meio do Filho⁴, que feito homem, encontrou-se com os seres humanos, para que pudesse estabelecer com eles uma relação de intimidade, comunhão e diálogo. O Catecismo da Igreja Católica afirma:

O projeto divino da Revelação realiza-se ao mesmo tempo ‘por ações e por palavras, intimamente ligadas entre si e que se ilumina mutuamente’. Esse projeto comporta uma ‘pedagogia divina’ peculiar: Deus comunica-se gradualmente com o homem, prepara-o por etapas a acolher a Revelação sobrenatural que faz de si mesmo e que vai culminando na Pessoa e na missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo.⁵

Deus, através de sua bondade e sabedoria, quer fazer os seres humanos participantes da natureza divina. Por isso, Ele vai dando-se a conhecer à humanidade a fim de que esta também vá respondendo ao seu plano de amor. Essa entrega é sempre espontânea, ou seja, é livre. Em nenhum momento Deus é coagido a tal ato, mas cria e faz tudo por amor. A história da revelação chega ao clímax e ponto de convergência na vida,

³ LATOURELLE, René. **Teologia da revelação**. Tradução de Flávio Cavalca de Castro. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 5.

⁴ Hb 1,1-2.

⁵ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola. 2011. p. 28; CIC 53.

ensino, sofrimento na morte e ressurreição de Jesus Cristo, justamente com o envio do Espírito Santo pelo Cristo ressurreto. Jesus, como a Palavra de Deus encarnada, pode em certo sentido ser ele mesmo chamado revelação,⁶ pois o Criador deseja falar, ter intimidade com suas criaturas.

Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pd 1,4). Em virtude desta Revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1, 17), no seu imenso amor, fala aos homens como amigo (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14-15) e conversa com eles (cf. Br 3, 38), para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão.⁷

O Senhor que se manifesta a todos os seres humanos, por amor e gratuidade, para que possam conhecer a sua vontade e estarem em comunhão. Com isso, todo gênero humano é por sua essência espiritual, e está propenso a uma abertura ao Transcendente. A transcendência da pessoa humana é querida de antemão como o espaço de autocomunicação de Deus.

O sentido etimológico da palavra “revelar” provém de “re-velar”, isto é, “tirar o véu”, de tornar claro e compreensível algo, “por meio de uma comunicação e tradicionalmente para significar a manifestação de algo escondido que não pode ser alcançado através das formas ordinárias de conseguir conhecimento”.⁸ Desse modo, a revelação de uma pessoa a outra coincide com o ato de se dar a conhecer. De modo geral, a revelação divina é a experiência de aquisição de um conhecimento transmitido ao

⁶ FIORENZA, Francis S; GALVIN, John P. **Teologia sistemática**: Perspectivas católico-romanas. Tradução de Paulo Siepierski. São Paulo: Paulus, 1997. p.137.

⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 347-367. p. cit. 348; DV 2.

⁸ TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**: Três volumes em um. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndorfer. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 96-97.

ser humano por Deus Segundo Lacan, a manifestação do Senhor é um acontecimento histórico e expressa:

Na Bíblia, [...], a revelação é um fato historicamente perceptível: seus intermediários são conhecidos, e suas palavras estão conservadas, seja diretamente, seja em uma tradição sólida. [...]. Mas, sem falar dos sinais que autenticam a revelação bíblica, esta não está assentada no ensinamento dum fundador único; vemo-la desenvolver-se durante quinze ou vinte séculos, antes de alcançar a plenitude no evento de Cristo, revelador por excelência. Crer, para um cristão, é aceitar essa revelação que aos homens é trazida pela história.⁹

Mediante a razão natural, o homem pode conhecer a Deus a partir de suas obras. Existe, contudo, outra ordem de conhecimento que o homem de modo algum pode atingir por suas próprias forças, a revelação divina. Por uma decisão totalmente livre, Deus se revela e se doa ao homem. Fá-lo revelando seu mistério, seu projeto benevolente, que concebeu desde toda a eternidade em Cristo em prol de todos os homens. “Revela plenamente seu projeto enviando seu Filho bem-amado, nosso Senhor Jesus Cristo, e o Espírito Santo”.¹⁰

O termo “autocomunicação” visa propriamente significar que Deus se torna Ele mesmo em sua realidade própria. Dessa forma, a autocomunicação de Deus significa que a realidade comunicada é realmente Deus em seu próprio ser. A comunicação tem em mira dar a conhecer a Deus na visão imediata e no amor.¹¹ Todo o plano divino da revelação é executado simultaneamente, conforme o Catecismo expressa, através de ações e palavras que estão intimamente conectadas e mutuamente esclarecedoras.

⁹ LACAN, Marc-François. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 899.

¹⁰ CATECISMO..., 2011, p. 27; CIC 50.

¹¹ RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. Tradução de Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 147.

Para compreender o mistério da revelação divina é preciso perceber que, além de historicamente humana, a autocomunicação de Deus volta-se para a intercomunicação entre os seres humanos, “porque somente nela e através dela o homem pode exercer a sua liberdade de acatar, ou não, essa comunicação que lhe é feita sob a forma de uma oferta”.¹² Diante disso, o ser humano na sua liberdade, pode escolher se aceita a revelação divina, pois Deus lhe concede essa escolha.

1.1 PRERROGATIVA DA PALAVRA: DEUS CRIA COMUNICANDO

A revelação de Deus, na história da salvação, de forma muito especial, foi registrada nos livros sagrados: no Antigo e no Novo Testamento. A revelação divina acontece na história. Deus vai se revelando de forma gradual e de várias formas nos fatos e acontecimentos da vida. Deus vai mostrando quem ele é pelo seu agir na história da salvação.

Começou a se mostrar a partir da obra da criação e no decorrer das várias etapas da história da salvação, se deu a conhecer até o momento em que se revelou plenamente em Jesus Cristo. No Filho, Deus se manifesta ao ser humano e nos mostra como deve ser a humanidade para Ele. É quando se dá a manifestação definitiva de Deus entre nós: a encarnação do Verbo.

1.1.2 A revelação no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, o verbo revelar é empregado sobretudo como uma ideia predominante de que Deus dá a conhecer uma coisa que está oculta. À vista disso, pode-se definir a revelação como: a comunicação feita por Deus a alguém que relativa as verdades que a inteligência humana não poderia conhecer por si só.

¹² RAHNER, 1989, p. 233.

Assim é o Senhor Deus, que é sujeito e objeto da revelação, Deus que revela e Deus revelado, Aquele que se dá a conhecer e se faz conhecer.¹³ No livro do Gênesis, Deus cria por meio da palavra. A criação tem no seu centro dez palavras divinas¹⁴ “Deus disse”. Dessa constatação, Joana Puntel vai afirmar a existência de dois decálogos.

O decálogo da Criação e o decálogo da Aliança. O decálogo da criação já existia muito antes do decálogo da Aliança. Existia desde a Criação do mundo e era visível na ordem do cosmo, mas a sua existência só começou a ser apreciada na época do cativo, quando a observância do decálogo da Aliança entrou em colapso e jogou o povo no desespero total.¹⁵

É a partir da experiência do Deus libertador que o povo reconhece o Deus criador. A criação, a partir de então, passa a ser entendida como ponto sublime da Aliança estabelecida, “[...] a criação é reconhecida como causa externa da aliança, porque esta é a causa interna da criação”¹⁶. O criar pela Palavra torna-se o primeiro gesto comunicativo de Deus, o qual vai antecipar todas as outras comunicações ao longo da história. A Palavra é o primeiro rosto com que Deus se mostra.

Nada resiste ao seu mandato, Ele intervém no caos e os seres vêm à vida. Originada e surgida da Palavra, a criação realiza-se como expressão de um amor livre e sereno. O Verbo divino estrutura o espaço e o tempo. Contudo, a obra criadora se completa com o ser humano, este definindo como interlocutor, como aquele que dialoga e estabelece

¹³ LATOURELLE, 1981, p. 38.

¹⁴ Gn 1,3.6.9.11.14.20.24.26.28.29.

¹⁵PUNTEL, J. T. A Igreja a caminho na comunicação. **Teocomunicação**: revista de estudo de teologia e comunicação da PUC Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242, jul./dez. 2011. p. 222. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/9755/6685>>. Acesso em: 23 mar. 2022

¹⁶ FEINER, Johannes & LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**: Fundamentos de dogmática histórica – a história salvífica antes de Cristo. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. p. 30.

relação consciente com o Pai. A pessoa está no vértice da hierarquia dos seres criados, pois “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1, 27).

A história da salvação se torna uma história da comunicação, pois, Deus mantém uma eterna e definitiva comunicação com os seus, isto é, Ele continua se revelando e se comunicando com o ser humano. O convite à Aliança se perpetua em todos os tempos e é capaz de enfrentar qualquer crise, pois o amor comunicativo de Deus é incansável.

1.1.3 A Aliança com Noé

Diante de uma humanidade decaída pelo pecado, Deus restabelece sua Aliança por intermédio de Noé. Por quarenta dias choveu sobre a terra, aniquilando toda forma de vida animal, com exceção das que estavam na arca. O dilúvio mostra que a situação é novamente de caos, assim como antes da criação. E, o que era bom, passou a ser mau. “Arrependo-me de os ter feito”, vai dizer YHWH (Gn 6,7). Interessante perceber que Deus não intervém na história por suas próprias forças, mas se comunica com o ser humano e diz o que este deve fazer, então, o diálogo se restabelece.

Após cento e cinquenta dias de enchente, segundo a Sagrada Escritura, novamente se vê a palavra criadora de Deus: “Deus disse”.¹⁷ O homem, mais uma vez, é convidado a se voltar para o Criador e reconhecer que essa união é definitiva. “Eis que estabeleço minha aliança convosco e com os vossos descendentes depois de vós” (Gn 9,9). Noé tem uma resposta silenciosa, porém, confiante, e assim se entrega aos desígnios de Deus e colabora com o novo início da criação.

Com isso, a aliança com Noé, se estende a todos os seres vivos, Deus se obriga a conservar a vida sobre toda a face da terra, sem reciprocidade da parte do homem¹⁸, assim mesmo, esta aliança é precedida por meio de mandamentos.¹⁹ Tanto no pacto com Noé como a

¹⁷ Gn 9,1.8.12.17.

¹⁸ BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**: Volume II. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1988. p. 30.

¹⁹ Gn 9,4.

de Abraão, também na aliança do Sinai a iniciativa é sempre de Deus para com os seres humanos.

1.1.4 Eleição de Abraão

A vocação do patriarca Abraão é importante não somente por ser o primeiro chamado vocacional na Bíblia, mas, sobretudo, pelo exemplo de fidelidade e docilidade com que ele responde ao chamado do Senhor. Deixa sua pátria, seus parentes e sua família e parte, confiando unicamente nas promessas do Senhor, que contemplam a terra, a descendência e a bênção. Abraão será abençoado e por meio dele serão abençoados todos os povos da Terra. Assim, Deus conclui com ele a aliança, engrandecendo seu nome e seu destino. Assim Abraão se tornou portador da revelação e da salvação em sentido eminente, fato que ecoa vivamente através de toda a tradição bíblica.²⁰

Nos relatos sobre Abraão já emergem os temas principais da religião de Israel: o culto de um único Deus, a revelação, a eleição, a aliança, a promessa e o dom da terra. Sua saga perpassa as demais fases da Bíblia, sobretudo alimentando a esperança dos exilados na Babilônia, e chega até o Novo Testamento. Sua descendência, maior que as estrelas do céu, hoje pode ser comprovada por todas as religiões que têm Abraão por pai da fé.

O pedido é direto: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção” (Gn 12,1-2). Abraão obedece a um mandato de Deus que, como dom, é acolhido na fé. É um chamado marcante, pois o filho de Taré é escolhido na sua integridade para congregar toda a humanidade. A pedagogia divina de revelação não se deixa abater nem mesmo diante da queda (pecado) do homem.

A promessa divina é eterna e sua revelação com o ser humano se dá na gratuidade. É o próprio Criador que busca incessantemente suas criaturas. Entre os versículos 10 e 32, do capítulo 11 do livro do Gênesis, o autor sagrado apresenta a genealogia de Abraão para mostrar como a

²⁰ BAUER, 1988, p. 23.

vida é transmitida de pai para filho. A ordem de Deus “sede fecundos e multiplicai-vos” (Gn 1,28) concretiza-se na história, é na “realização da bênção da promessa de Deus que se insere uma nova bênção. A história, portanto, não se interrompe, mas na imanência da história Deus se irrompe, criando uma novidade absoluta”.²¹

A história de Abraão se pauta pela Palavra de Deus, que se manifesta de maneira perfeita. Somente a confiança em Deus será capaz de norteá-lo.

Enquanto Deus lhe pede para renunciar ao que possui, Deus apresenta-se-lhe como oferta do que não possui, do que não pode esperar. A intervenção de Deus o atinge em dois níveis: Abraão não só deixa, mas atira-se para se lançar a uma esperança que humanamente não cogitaria. A grandiosidade do gesto de obediência incondicionada de Abraão se torna mais explícita se levamos em conta o ato de que, para o homem antigo, o abandono da pátria e o rompimento dos vínculos ancestrais representava uma atitude quase absurda. A sua situação, porém, é completamente desanimadora: sem família, sem país e sem clã.²²

Deve-se ressaltar que Abraão é convocado para ser pai de todos os povos. “Eu farei de ti um grande povo” (Gn 12,2), é a promessa ouvida por ele. O Senhor escolheu apenas um homem para lhe dirigir a palavra, abrindo caminho para a história da salvação. Mas não bastaria para esse escolhido apenas se dirigir para uma terra mais distante. Algo muito maior lhe seria exigido para que comprovasse ser merecedor de toda uma descendência: o sacrifício de seu único e amado filho.

O texto sagrado apresenta que em nenhum momento Abraão questionou as ordens de Deus, mas teve a coragem, em total obediência, de sacrificar Isaac, gerado já na velhice com Sara. Desta forma, “Deus

²¹ SILVA SANTOS, Bento. **A experiência de Deus no Antigo Testamento.** Aparecida: Santuário, 1996. p. 15.

²² SILVA SANTOS, 1996, p. 18.

estabeleceu sua aliança com Abraão, e a partir de então a história do povo de Deus será construída tendo sempre como exemplo esse homem e sua fé inabalável”.²³ Definitivamente, o Senhor é cumpridor de sua palavra e a aliança é definitiva.

A revelação de Deus não cessa e o povo originado em Abraão é o depositário da promessa feita. O nome desse homem escolhido estará colado para sempre no nome de Deus: “Eu Sou o Deus de Abraão” (Ex 3,6a). E, Abraão fez a experiência da Palavra e é modelo de fé que, mesmo diante do pedido trágico, confia plenamente neste Deus que interveio gratuitamente em sua vida. Ele acreditou mesmo dentro da contradição e da morte.

1.1.5. Deus forma seu Povo Israel

Com Abraão foi possível conhecer a história do primeiro patriarca, que junto com sua família partiu de Ur. Porém, ainda não é possível dizer de uma nação ou de um povo, mas de grupos seminômades, que nos períodos da fome se dirigiam ao Egito. A história patriarcal termina com José, um dos netos de Abraão, que passa por todo tipo de sofrimento e é abandonado por seus irmãos.²⁴ Levado ao Egito por mercadores, torna-se escravo e é esquecido por sua família.

Porém, Deus mantém sua Aliança e intervém na história e tudo toma um rumo novo. José, assume um cargo importante diante do Faraó e é capaz de salvar sua família, perdoadando seus irmãos, libertando-os da fome e acolhendo-os no Egito. A partir de agora a formação do Povo de Deus começa a se configurar, principalmente a partir do livro do Êxodo,

A história dos patriarcas termina com a história de José no Egito (Gn 37–50); ele acolhe seus familiares na terra estrangeira e lá passam a ocupar lugar de destaque na corte do faraó. O livro do Êxodo inicia lembrando esses fatos, mas em seguida deixa de falar de pessoas em particular, ou especificamente de uma família, para narrar a

²³ ROSA, Dirlei Abercio da. **Projeto do Pai**: roteiro para estudo do Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 24.

²⁴ Gn 37,12-36.

situação dos ‘filhos de Israel’ (cf. Ex 1,7-8). Os primeiros capítulos do livro do Êxodo retratam a situação de opressão e escravidão em que o Povo de Deus se encontrava: sem dignidade, sem direitos, sem identidade, sem futuro; aos olhos do faraó, sem valor e sem pátria.²⁵

Deus forma Israel como seu povo, salvando-o da escravidão do Egito. O novo rei do Egito preocupava-se com a multiplicação dos israelitas e tomou, segundo ele, sábias medidas para interromper esse crescimento. Assim, impôs aos filhos de Israel pesados trabalhos como a preparação da argila, a fabricação dos tijolos, trabalhos no campo e diversas outras funções.²⁶ O rei egípcio até mesmo ordenou que as parteiras matassem os meninos hebreus, determinação não obedecida por elas.²⁷

A libertação do Egito concretiza-se com Moisés. É interessante o texto Sagrado que diz: “E Deus ouviu os seus gemidos; Deus lembrou-se da Aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Deus viu os filhos de Israel, e Deus se fez conhecer [...]” (Ex 2,24-25). E para garantir essa comunicação que estabelece com seu povo, YHWH revela seu Nome, ou seja, seu ser pessoal. “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Deus” (Ex 3,6).

Mas o que seriam esses acontecimentos sem a palavra que Deus em segredo dirige a Moisés,²⁸ e sem a palavra de Moisés que em nome de Deus manifesta a Israel o sentido dessa história e lhe descobre sua dimensão sobrenatural? Sem dúvida, a saída do Egito não seria nada mais do que uma migração de povos, uma entre tantas outras; não se teria tornado fato tão fundamental sem a interpretação de Moisés.²⁹ Essa própria interpretação transformou-se num acontecimento que dirigiu a

²⁵ ROSA, 2010, p. 25.

²⁶ Ex 1,13.

²⁷ Ex 1,15-22.

²⁸ Ex 3-4; 6,1.

²⁹ Ex 14,31.

história ulterior. Através da interpretação de Moisés, Deus revelou-se aos contemporâneos e às gerações futuras.³⁰

Durante toda a narrativa bíblica, percebe-se um diálogo intenso, e também questionador, entre Moisés e Deus. Deus revela-se ao seu servo, recordando os antepassados do povo e se mostrando sensível aos seus sofrimentos: “Eu sou o Deus de teus pais [...]” (Ex 3,6). A história do povo de Israel discorre, no fundo sobre a relação que se estabelece com o Senhor. Israel se reconhece na fé no Deus único, e Deus se relaciona com seu povo, agindo em sua história. Assim, a passagem utiliza verbos que denotam essa relação. Deus vê, ouve, conhece, desce e faz subir o povo, desde o Egito, até a terra que mana leite e mel.³¹

A força da palavra se estabelece na economia da salvação. Tanto é, que o verbo “dizer” aparece no relato da vocação de Moisés entre os capítulos 3 e 4 do livro do Êxodo 31 vezes. É o mesmo verbo a partir do qual o caos é organizado no relato da criação, ou seja, pela palavra Deus não apenas estabelece a vida, mas também restabelece a certeza de que não é infiel à sua criatura.

O dizer divino fortalece a ação e as escolhas feitas pelo seu povo. Porém, durante toda a caminhada até a Terra Prometida, o povo é desafiado, sofre e enfrenta o deserto, mas Deus nunca os abandona, alimenta e mata sua sede, indica o caminho através de Moisés. Nessa caminhada, o Monte Sinai passa a ser conhecido como o local onde Deus se revelou a Moisés e fez o pacto definitivo. Rosa afirma:

Nesse monte Deus assinala definitivamente o compromisso com seu povo, através dos Dez Mandamentos (Decálogo). Em toda aliança constituída entre pessoas (neste caso, entre Deus e seu povo), as duas partes estabelecem direitos e deveres a ser observados por ambas. Da parte de Deus, Ele promete permanecer sempre ao lado do seu povo, protegendo e defendendo sua gente. Do outro lado, o povo deveria cumprir os Dez Mandamentos. Tudo novamente assinado com sangue de animais, numa solene liturgia. Somente

³⁰ LATOURELLE, 1972, p. 459-460.

³¹ Ex 3,7-8.

um povo livre pode assumir livremente uma aliança; era a situação em que se encontrava o povo no Monte Sinai.³²

O grande objetivo dessa saída do Egito se realiza através do encontro entre o amante, Deus, e o amado, seu povo. A partir de agora Deus comunica-se de forma ainda mais próxima e íntima com seus eleitos. Não apenas no alto do Monte, mas no meio do seu povo, em uma tenda. Definitivamente, a vida de Israel e de todas as gerações podem ser vividas como um diálogo. Há uma relação com o Criador:

Os envolvidos na aliança, entretanto, não estão de modo algum em situação de igualdade, de modo que o compromisso de Deus supera infinitamente o do homem. No Sinai, Deus confia e comunica seus sentimentos. Ele mostrou aos foragidos do Egito, libertando-os da escravidão de uma das mais poderosas dinastias faraônicas, que estava com eles. Assim eles puderam percebê-lo como seu Deus e perceber-se a si mesmos como povo desse Deus. Foi assim que, no Sinai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e de Jacó, o Deus das promessas, tornou-se o ‘Deus de Israel’.³³

Assim, é possível afirmar que Moisés torna-se o primeiro mensageiro de Deus. O Criador revelou-se na interioridade desse homem, que mesmo sendo imperfeito, abriu-se à revelação por excelência e soube comunicar. Foi por ele que os dez mandamentos chegaram aos seus escolhidos (e permanecem vivos até hoje). Na Arca da Aliança, a mensagem divina se faz vida no meio do povo.

1.1.6 Deus se comunica pelos Profetas

Analisando esse processo pedagógico da comunicação divina, a história bíblica mostra que Deus sempre se utilizou de homens e mulheres para se revelar e mostrar sua vontade ao seu Povo, como Moisés (a Bíblia

³² ROSA, 2010, p. 31.

³³ DROLET, Gilles. **Compreender o Antigo Testamento**: um projeto que se tornou promessa. São Paulo: Paulus, 2008. p. 348.

o coloca no início da linhagem dos profetas e o considera o maior de todos, Oseias 12,14) e Josué, e depois os juízes. Nessa mesma linha os monarcas (Saul, Davi, Salomão) deveriam se impor como mensageiros da vontade de Deus, o que não ocorreu. Os interesses humanos se sobressaíram sobre os interesses do Criador.

Foi um tempo marcado por decepções, escândalos e esquecimento da Aliança. Assim, a história da salvação não estaria sendo contraditória se a história do Povo escolhido se desse com o exílio da Babilônia. O autor, Rosa, pergunta se esse não seria o fim do Povo de Deus, ao que ele mesmo responde:

Paralelamente à história dos reis, Deus construiu outra história no meio do povo, com outros personagens que conseguiram manter a esperança em meio ao grande descaso para com a religião e os mandamentos. Foram os profetas os responsáveis, como porta-vozes, denunciando os desvios e anunciando a vontade de Deus. Conseguiram, assim, preservar alguma identidade do povo e a esperança em seu meio. Já no início da monarquia, os reis se mostraram péssimos servos da vontade de Deus. Sua principal missão seria a de mensageiros da vontade de Deus, mas eles não a cumpriram. Assim, foi necessário, da parte de Deus, convocar outros homens e mulheres para serem seus mensageiros junto ao povo e aos reis.³⁴

Enfim, o profetismo surge contra a deturpação do nome do Senhor e seus projetos. Os profetas são aqueles que emprestam suas vozes para o anúncio da mensagem de Deus. O profeta é um intérprete, um porta-voz, um mensageiro da palavra divina. Eles têm consciência da origem celeste de sua mensagem, introduzindo-a com: “Assim fala o Senhor”.³⁵

O profeta é o homem que tem uma experiência profunda e imediata de Deus, que recebeu a revelação e se sente impulsionado a reavivar a memória do povo sobre as exigências da Aliança. Por isso, o profetismo é um momento próprio de Israel, pois foi o jeito que o Senhor encontrou

³⁴ ROSA, 2010, p. 83.

³⁵ Is 43,16

de dirigir o povo eleito, e mais, participaram importantemente nesse processo de revelação, ajudando a entender, por exemplo, a existência de único Deus (monoteísmo).

A mensagem profética é carregada de certezas. “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3,7). Traz sempre a convicção do Deus libertador e que quer a justiça, como no início da formação de Israel, que “[...]em vez de exigir celebrações ao seu louvor, o Deus verdadeiro, sempre de novo, renova pela boca dos profetas a sua opção contra o poder e contra toda ostentação de rituais suntuosos e brilhantes [...]”³⁶.

O profeta é aquele que reafirma o desejo de dignidade para a pessoa humana. Eles lutaram contra os abusos sociais que visavam um poder de morte e de opressão. Em muitos momentos o povo sequer aceitava ouvir a pregação. O profeta não pode permitir que a comunicação de Deus com seu povo deixe de ser compreendida, que a Aliança deixe de ser cumprida.

Jesus Cristo é a Palavra que desde o início se apresenta como comunicação divina que nos chegou pela boca dos profetas, dos Apóstolos e ainda por todos aqueles que Ele escolheu, chamando-os para dialogar com a humanidade.

1.2. JESUS CRISTO: O COMUNICADOR DO PAI

Todo o Novo Testamento se fundamenta na consciência de que Deus, o Deus de Israel, em continuidade com as revelações que fez de si mesmo no decurso da história deste povo. Em que dando-se a si mesmo numa comunhão de sabedoria e amor,³⁷ revelou-se de uma forma decisivamente nova, insuperável e, por isso, final e definitiva, isto é, de forma escatológica no “fim dos tempos” (1Cor 10,11) em Jesus, seu Filho. Agora é o Cristo Exaltado, para se gerar uma comunhão

³⁶ BLANK, Renold J. **Deus na história**: centros temáticos da Revelação. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 189.

³⁷ MORAN, Gabriel. **Teologia da Revelação**. São Paulo: Herder, 1969. p. 63.

verdadeiramente pessoal e genuína com homem, Deus tinha que ser Deus para o homem de uma maneira humana.³⁸ No Antigo Testamento, o conhecimento do Plano de Deus permanecia envolto em sombras; sua consumação final, embora prometida, era evocada só em figuras.

O que agora rasga os véus e dissipa a ambiguidade da promessa é o Evento de Cristo, a Palavra de Deus, que é o poder de Deus para a salvação de todos os crentes,³⁹ apresenta-se de maneira especial nos escritos do Novo Testamento e neles manifesta o seu vigor.⁴⁰ Assim, a existência histórica de Jesus, coroado por sua morte e ressurreição, dá, com efeito a conhecer o conteúdo real daquela promessa ao realizá-la nos fatos.⁴¹

A revelação anterior aparece a partir daí como uma multiformidade a que se seguiu a única revelação em Jesus: “Repetidas vezes e de diversas formas Deus, outrora falou aos Pais através dos profetas, e no fim destes dias, Ele nos falou através de seu Filho” (Hb 1,1).

Porque em dar-nos, como nos deu, seu Filho, que é sua Palavra única (e outra não há), tudo nos falou de uma só vez nessa única Palavra, e nada mais tem a falar, [...] pois o que antes falava por partes aos profetas agora nos revela inteiramente, dando-nos o Tudo que é o seu Filho. Se atualmente, portanto, alguém quisesse interrogar a Deus, pedindo-lhe alguma visão ou revelação, não só cairia numa insensatez, mas ofenderia muito a Deus por não dirigir os olhares unicamente para Cristo sem querer outra coisa ou novidade alguma.⁴²

O caminho de Deus com os seres humanos chegou a seu término. O Antigo Testamento é reconhecido como sendo a pré-história da verdadeira história da salvação; Ele foi, como um todo, uma revelação de promessas daquilo que agora se realizou. Logo, a revelação é, acima

³⁸ MORAN, 1969, p. 63.

³⁹ Rm 1,16.

⁴⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2017. p. 345-365. p. cit. 360; DV 17.

⁴¹ LOCAN, 1984, p. 903.

⁴² CATECISMO..., 2011, p. 31; CIC 65.

de tudo, o acontecimento pelo qual Deus se dá a conhecer do modo mais perfeito aos homens e este acontecimento pleno é por meio de Jesus Cristo ao mundo, onde em seu Filho, Deus verdadeiramente se revela.⁴³

Diante disso, surge o questionamento, qual é o verdadeiro manancial da revelação? A encarnação não é meramente um fato bruto do passado. “Esta é a principal e verdadeira *fonte da revelação*: Deus que se revela em Cristo. Jesus Cristo é o evangelho que brota de dentro da vida interior do Deus trino e uno”.⁴⁴ Moran, afirma que:

O diálogo de Deus com o homem esteve sempre ameaçado de se tornar uma palavra abstrata e conceitual esvaziada do seu significado. Com Jesus Cristo, a palavra irreduzível, concreta e carnal foi dita, expressando tudo o que Deus podia dizer ao mundo. ‘O segredo de Deus se torna o segredo do homem, porque este homem é Deus [...]’ A luz é dada, a luz se estabelece em união com o homem, e esta união não é um sistema filosófico ou um livro inspirado, mas é Alguém vivendo, o homem Jesus Cristo.⁴⁵

Tudo o que anteriormente foi manifestado por Deus encontra em Jesus Cristo seu cumprimento, pois “todas as promessas de Deus encontram nele o seu sim” (2Cor 1,20). Jesus, é a plenitude de toda a revelação divina.

Os acontecimentos tendiam para o fim a que agora Deus aduziu. Aquilo que no Antigo Testamento continuamente aparece como ‘abertura para frente’, encontra o seu desabrochar na compreensão escatológica do tempo e da história do Novo Testamento: a revelação de Deus, a participação que ele faz de si mesmo se torna no fim mais ‘espessa’, o tempo está ‘cumprido’ (ver

⁴³ MORAN, 1969, p. 62.

⁴⁴ MORAN, 1969, p. 63.

⁴⁵ MORAN, 1969, p. 64.

Gl 4,4). Deus não só fala, Ele mesmo é palavra e, como Palavra, ‘se fez carne’ (Jo 1,14).⁴⁶

Portanto, quando dizemos que Cristo é a plenitude da revelação estamos dizendo que Deus se fez conhecer claramente a todos aqueles que aceitam a Cristo, como Senhor e Salvador de sua vida. Para muitos Ele é um enigma, para alguns um escândalo, e para outros incompreensível. Até mesmo para os fiéis seguidores de Cristo, Deus revelou-se apenas parcial e temporariamente e sempre através de símbolos humanos.⁴⁷

Neste processo, o Antigo Testamento foi uma preparação e fazem parte como realização dos desígnios de Deus Pai, que estava preparando a humanidade para um ato definitivo de amor, que salvaria o ser humano da sujeição à carne.⁴⁸ Com isso, Jesus, como um farol, ilumina todos os antigos livros. Lendo o Antigo Testamento, Cristo encontrou elementos de sua própria biografia e, inversamente foi a mesma pessoa em que se fundiram os elementos separados do Antigo Testamento.

É interessante olhar que Cristo não aboliu a Lei, que prendia os fariseus, nem o *Sabbath* nem o Templo, ao contrário, Ele os reuniu e completou identificando-se com eles,⁴⁹ como quando Ele respondeu à pergunta: “Mestre, qual é o maior dos mandamentos da Lei? Ele esclareceu: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento, o segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22,36-40). Assim, o Cristo é o Verbo encarnado para a glória do Pai.

⁴⁶ BAUER, 1988, p. 995.

⁴⁷ MORAN, 1969, p. 67.

⁴⁸ MORAN, 1969, p. 64-65.

⁴⁹ MORAN, 1969, p. 65.

1.2.1. Jesus, palavra de salvação e glória de Deus

Desse modo, enquanto Deus se fez carne e apareceu como homem, querendo ser “maldição” (Gl 3,13) e “pecado” (2Cor 5,21), Ele, se revelou de forma inesperada, escandalosa.⁵⁰ Ele se tornou “em tudo igual” aos homens (Hb 2,10-18). E como, finalmente, apareceu na cruz, Ele escolheu uma forma e um “lugar” de sua revelação escatológica que é insignificante e “fraqueza” (1Cor 1,2). Para os seres humanos significa estranheza e escândalo reconhecer a Deus na humilhação e sob os véus⁵¹ do rebaixamento.⁵²

O protesto dos discípulos contra a predição da Paixão⁵³ é paradigmático para mostrar a necessidade de mudança de mentalidade nos seres humanos. Agora é a cruz que significa a maneira e forma da epifania de Deus neste mundo e não pode ser sentida como algo que corresponde às esperanças e expectativas humanas. A fé recebe a sua forma desta nova forma de revelação de Deus. O ser humano é chamado a seguir a escolha “insensata” de Deus,⁵⁴ aceitando a revelação da salvação nesta automanifestação de Deus na insignificância e no “naufrágio” da vida natural dos seres humanos⁵⁵.

A fé em “Cristo crucificado” (1Cor 1,23) reconhece na insensatez a sabedoria de Deus, no Crucificado, o Exaltado, na humilhação a glória. Com efeito, a cruz como caminho da revelação é o sinal da “exaltação” (Jo 3,14; 8,28; 12,32-34). No que a pessoa de Jesus tem de “comum” e “ordinária”, os homens se dividem em desprezadores⁵⁶ e em “aqueles que ouvem claro” (Mc 1,22.27; 2,12). A maneira da revelação de Deus em Jesus coloca o ser humano na crise da decisão de fé. Já que Deus se revela na cruz, esta revelação só pode ser aceita por fé que se deixa “concrucificar” (Rm 6,6; Gl 2,19), é na “fraqueza” que “força (de Deus)

⁵⁰ 1Cor 1,23.

⁵¹ Fl 2,6-8; Rm 8,23; Gl 4,4.

⁵² BAUER, 1988, p. 995.

⁵³ Mc 8,32ss.

⁵⁴ 1Cor 1,27.

⁵⁵ BAUER, 1988, p. 996.

⁵⁶ Mc 6,3.

é manifestada e se torna perfeita” (2 Cor 12,9), o lugar e a maneira da revelação em Jesus Cristo⁵⁷.

A cruz representou o supremo ato revelador da parte de Deus, também deveria ter sido o supremo ato de receptividade participantes da parte do homem. Não existe revelação a menos que exista uma consciência humana que participe receptivamente e responda a Deus.⁵⁸

Entretanto, a revelação que Deus faz de si em seu Filho Jesus Cristo é experimentado, também como “glória” (*doxa*). Para a fé, os eventos da revelação são, não obstante a sua insignificância, transparentes para que neles se manifeste o “brilho da luz” de Deus que irrompe neste mundo. O nascimento de Jesus é acompanhado de seu brilho (Lc 2,9),⁵⁹ neste sentido, Bauer afirma:

A ‘glória’ é, como na transfiguração de Jesus (Lc 9,31ss), o ‘elemento’ de uma revelação sem véu, na qual Jesus entrará definitivamente depois de sua humilhação (Lc 24,26). Deus torna essa ‘glória’ visível também na humilhação da encarnação do filho (Jo 1,14; 1Jo 1,1ss). Como plenitude de poder e graça ela se mostra nos milagres de Jesus e nos seus sinais como num elemento ‘relâmpago’ cheio de presságio (Mt 11,4-6; Jo 2,11).⁶⁰

Jesus é o reflexo da glória do Pai.⁶¹ Jesus foi “ressuscitado dos mortos pela *doxa* do Pai” (Rm 6,4). Do maior mal moral jamais cometido, a saber: a rejeição e o homicídio do Filho de Deus, causado pelos pecados de todos os homens, Deus, pela superabundância de sua graça, tirou o maior dos bens: a glorificação de Cristo e a nossa Redenção.⁶² A sua

⁵⁷ BAUER, 1988, p. 996.

⁵⁸ MORAN, 1969, p. 81.

⁵⁹ BAUER, 1988, p. 996.

⁶⁰ BAUER, 1988, p. 996.

⁶¹ Hb 1,3.

⁶² CATECISMO..., 2011, p. 93; CIC 312.

presença foi, então sentida de uma forma totalmente nova; Ele se mostrava abertamente na sua epifania, a qual assusta os homens, porque é tão diversa,⁶³ mas que, na refeição feita na companhia do Ressuscitado,⁶⁴ mostra a sua presença consoladora⁶⁵.

Ele faz ver à Igreja a sua “glória” (2Cor 3,18), enquanto que os descrentes dela são excluídos.⁶⁶ Portanto, podemos esperar a glória do céu prometida por Deus aos que o amam e fazem sua vontade. Em qualquer circunstância, cada qual deve esperar, com a graça de Deus, perseverar até o fim e alcançar a alegria do céu como recompensa eterna de Deus.⁶⁷

1.2.2. Jesus, revelação escatológica de Deus

Ainda que na vinda de Jesus, na cruz e na ressurreição, tenha se dado a revelação escatológica a manifestação total da comunicação sem véu de Deus ainda está no futuro. No dia do juízo, por ocasião do fim do mundo, Cristo virá na glória para realizar o triunfo definitivo do bem sobre o mal, os quais, como trigo e o joio, terão crescido juntos ao longo da história.⁶⁸

Esperamos “o aparecimento da glória do grande Deus e de nosso salvador Jesus Cristo” (Tt 2,13). Com efeito, na segunda vinda ele manifestará o seu poder sem nenhuma restrição.⁶⁹ E esta revelação, quando “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,24-28), traz consigo coisas fundamentalmente novas, a saber, o “mundo vindouro”, que é também chamado de “novos céus e nova terra” (2 Pe 3,13; Ap 21,1) e “a cidade santa Jerusalém” (Ap 21,10).

⁶³ Lc 24,37.

⁶⁴ Lc 24,30ss; Jo 21,12ss; At 10,41.

⁶⁵ BAUER, 1988, p. 996.

⁶⁶ 2Cor 4,4.

⁶⁷ CATECISMO..., 2011, p. 490; CIC 1821.

⁶⁸ CATECISMO..., 2011, p. 196; CIC 681.

⁶⁹ Mt 13,24-27.

O luzeiro vivificado desta cidade será a “glória” de Deus, que já agora é sentida em sua revelação, bem como o Cordeiro,⁷⁰ o “Senhor da glória” (Tg 2,1). A revelação na humilhação da cruz e do sofrimento está em relação da glória de Deus no fim e com a participação da mesma.⁷¹ Para os que não foram atingidos pela revelação de Deus a Israel e em seu Filho Jesus Cristo, ou não a aceitarem, o seu poder e a sua presença se manifestam de forma (provisória) também nas obras da criação.⁷²

Portanto, também no Novo Testamento, a “revelação” não é mera comunicação de uma doutrina, mas, em primeira linha, *evento* (Jesus Cristo) e a *palavra* de Deus que interpreta esses eventos pela manifestação clara do propósito de sua vontade.⁷³ Deus revelou-se plenamente enviando seu próprio Filho, no qual estabeleceu sua Aliança para sempre. O Filho é a Palavra definitiva do Pai, de sorte que depois dele não haverá outra revelação.⁷⁴ A expressão “palavra de Deus” só poderia ter um estrito e primordial significado: A Palavra pessoal. Qualquer outro uso da expressão será válido somente na medida em que participe desse significativo ou sirva para projetar luz na pessoa da Palavra.⁷⁵

Com a vinda de Jesus irrompe o reino de Deus, o tempo da salvação;⁷⁶ Ele é o primogênito dentre os mortos,⁷⁷ a sua ressurreição é o início da salvação; nele aparecerem a bondade e o amor aos seres humanos de Deus, nosso salvador,⁷⁸ “a graça de Deus como salvador para todos os homens” (Tt 2,11). Com isso, o Documento de Aparecida diz:

A missão do anúncio da Boa-Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandado de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos

⁷⁰ Ap 21,23.

⁷¹ 1Pe 4,13.

⁷² At 14,15-17; 17,24ss; Rm 1,19.

⁷³ Ef 1,11; Cl 1,19.

⁷⁴ CATECISMO..., 2011, p. 32; CIC 73.

⁷⁵ MARON, 1969, p. 64.

⁷⁶ Mc 1,15.

⁷⁷ Rm 8,29; Cl 1,18; Ap 1,5.

⁷⁸ Tt 3,4.

os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho.⁷⁹

A cruz é a forma de revelação para este tempo no mundo, e Jesus expressamente recusa o papel de dominador, isto é, uma revelação através de um poder violentador.⁸⁰ A sua autoexpressão através da palavra e da ação aguardava a mais perfeita expressão da Cruz.⁸¹ Por aquilo que há de escandaloso na forma dessa revelação em meio às insignificâncias dos acontecimentos históricos, o homem é instruído sobre a verdadeira natureza deste mundo, para encontrar nele o único caminho que traz salvação, caminho revelado na salvação exposta e manifestada na história. Ele é chamado por Deus para dizer “sim” a este apelo de Deus, o qual não vence por meio de milagres, mas coloca na verdadeira liberdade do seu coração.

Este é o tempo da revelação do mistério que esteve oculto por tempos eternos, mas que agora foi manifestado e revelado através de escritura proféticas, segundo a ordenação do eterno Deus para produzir obediência de fé em todo os povos.⁸² Assim, o ato final de sua vida foi um evento que recapitulou sua história, do mesmo modo que a sua vida recapitulou toda a história da revelação.⁸³

No entanto, os atos e palavras de Jesus não ficaram conhecidos somente para um grupo pequeno de pessoas, ao contrário, a revelação de Cristo era destinada ao mundo inteiro. Pois Jesus confiou aos seus Apóstolos a missão de O comunicar aos seres humanos⁸⁴; ir ao mundo inteiro levar o Evangelho a todas as nações,⁸⁵ testemunhar em seu favor, o que diz e fez na terra.⁸⁶ A Igreja, que nasceu da palavra de Cristo,

⁷⁹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008. p. 173; DAp 380.

⁸⁰ Mt 4,1-11.

⁸¹ MARON, 1969, p. 80.

⁸² 1Cor 2, 6-16.

⁸³ MARON, 1969, p. 81.

⁸⁴ Mt 10,26.

⁸⁵ Mt 28,19s; Mc 16,15.

⁸⁶ LACAN, 1984, p. 908.

conserva essa Palavra e não cessa de mediar, repetir e explicar aos seres humanos de todos os séculos.⁸⁷

A partir da ressurreição de Cristo, não será revelado mais nada aos seres humanos até a Parusia. Mas, apesar da revelação já estar completa, ainda não está plenamente explicitada. E está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance, no decorrer dos séculos. Por meio da ação do Espírito Santo, a revelação imutável é transmitida ininterrupta e integralmente pela Igreja.⁸⁸

⁸⁷ LATOURELLE, 1981, p. 526.

⁸⁸ O substantivo “Igreja” é sempre para designar a instituição Igreja Católica Apostólica Romana.

2. A REVELAÇÃO DIVINA NA IGREJA

No livro do Atos dos Apóstolos, São Lucas narra o caminho que os discípulos percorriam no início do apostolado, após a ressurreição de Jesus. Diante disso, pode-se perceber que ao fazerem a experiência de Pentecostes,⁸⁹ sentiram-se impelidos a testemunhar e anunciar de modo genuíno o senhorio de Jesus Cristo, e tudo o que viveram ao lado do Mestre, anunciando que Ele era verdadeiramente o Messias enviado por Deus que o ressuscitou dos mortos. Assim, anunciavam o Reino de Deus e passaram a formar comunidades de seguidores de Jesus Cristo.⁹⁰

Os Atos descrevem a atividade apostólica como uma continuação da obra de Cristo. Os apóstolos ouviram-no falar, pregar, revelar (tradição sinótica). Dele receberam a missão de atestar a sua ressurreição e sua obra, pregar, ensinar o que ele prescrevera e ensinara. Fieis à sua missão, apresentam-se como testemunhas do Cristo ressuscitado, Messias e Senhor; pregaram o Evangelho da salvação, anunciaram a Boa-nova, ensinaram a doutrina do Mestre. Sua função era a de *testemunhas* e *arautos*. Seu depoimento constituiu o objeto da nossa fé. A revelação confiada à Igreja é esse testemunho apostólico que nos convida a crer o que Cristo disse e fez.⁹¹

Nas primeiras comunidades cristãs, que na escuta dos discípulos de Cristo, inspirados pelo Santo Espírito, registraram os fatos da vida e os ensinamentos de Jesus⁹² e movida pelo Espírito, anunciavam a corajosamente o senhorio de Jesus. Deus na sua infinita bondade e amor, quer que os seres humanos possam alcançar a sua salvação e assim, cheguem à plena ciência da verdade, que é Jesus. Deus “quer que todos

⁸⁹ At 2,11-13.

⁹⁰ BOGAZ, Antônio S. **Patrística Caminhos da Tradição Cristã: textos, contextos e espiritualidade da tradição dos padres da Igreja antiga, nos caminhos de Jesus de Nazaré.** São Paulo: Paulus, 2008. p. 44.

⁹¹ LATOURELLE, 1981, p. 58-59.

⁹² LATOURELLE, 1981, p. 59.

os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), é preciso que Cristo seja anunciado a todos os povos, culturas e raças e a todos os seres humanos. Dessa maneira, Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para a salvação de todos os povos, Cristo Senhor, em quem se consuma toda a revelação do Deus Altíssimo.⁹³

Consequentemente, Cristo é que realiza, de forma plena, a revelação de Deus-Pai, que ordenou aos apóstolos que o Evangelho, sendo o objeto da promessa antes dos profetas, que se cumpriu por Ele se promulgou pessoalmente, para que eles pregassem a todos como fonte da verdade genuína e de toda regra moral, e assim lhes comunicassem os dons divinos.⁹⁴ Com isso, o objeto da tradição católica é, pois, o ensinamento dos apóstolos, exarado no Novo Testamento e o ensinamento da Igreja, e apontado na vida da comunidade ao longo dos séculos, sob a direção dos pastores autênticos, a saber, o Papa e os Bispos. Os padres conciliares no Vaticano II, afirmam:

Cristo Senhor, em quem se consuma toda a revelação do Sumo Deus, ordenou aos Apóstolos que o Evangelho, prometido antes pelos profetas, completado por ele e por sua própria boca promulgado, fosse por eles pregado a todos os homens como fonte de toda a verdade salvífica e de toda a disciplina de costumes, comunicando-lhes dons divinos.⁹⁵

O próprio Cristo ordenou que seus apóstolos continuassem a missão de evangelizar, anunciando a todos o Reino de Deus.⁹⁶ Ele também enviou outros setenta e dois discípulos para todas as cidades e lugares aonde ele tinha de ir,⁹⁷ a transmissão do Evangelho não podia parar. Para tanto, os enviados de Jesus, realizaram o anúncio da Boa Nova

⁹³ CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 351-352; DV 7.

⁹⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 351-352; DV 7.

⁹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 351-352; DV 7.

⁹⁶ Mc 16,15.

⁹⁷ Lc 10,1.

de duas maneiras: oral e escrita.⁹⁸ Enfim, esses escolhidos partilhavam e testemunhavam o que aprenderam com o próprio Mestre, pois beberam na fonte.

Por outro lado, o sujeito da tradição está constituído pelos próprios apóstolos e pela própria comunidade, que vive e transmite a fé recebida dos apóstolos. Estes são sujeitos primordiais da tradição da fé; os papas e os bispos são sujeitos privilegiados, mas não exclusivos da tradição eclesial, uma vez que o sujeito da tradição eclesial é toda a Igreja, que inclui o papa, os bispos e todo o povo fiel. O Catecismo afirma:

A Tradição da qual aqui falamos é a que vem dos apóstolos e transmite o que estes receberam do ensinamento e do exemplo de Jesus e o que receberam por meio do Espírito Santo. Com efeito, a primeira geração de cristãos ainda não dispunha de um Novo Testamento escrito, e o próprio Novo Testamento atesta o processo da Tradição viva. Dela é preciso distinguir as “tradições” teológicas, disciplinares, litúrgicas ou devocionais surgidas ao longo do tempo nas Igrejas locais. Constituem elas formas particulares sob as quais a grande Tradição recebe expressões adaptadas aos diversos lugares e às diversas épocas. É à luz da grande Tradição que estas podem ser mantidas, modificadas ou mesmo abandonadas, sob a guia do Magistério da Igreja.⁹⁹

Sendo assim, a tradição implica uma relação dialética entre o recebido como essência da fé transmitida (e, portanto, presente e futura) e o explicitado ou "acumulado" pela vida crescente da comunidade em um constante processo histórico. A tradição apostólica está terminada, mas a tradição eclesial está aberta e seguirá aberta e susceptível a constantes explicitações ulteriores de fé recebida. À transmissão viva que foi impulsionada pela ação do Espírito Santo, dá-se o nome de Tradição.

Por isso, os apóstolos, transmitindo o que eles mesmos receberam, advertem os fiéis a que mantenham as tradições que aprenderam quer por

⁹⁸ CATECISMO..., 2011, p. 33; CIC 75.

⁹⁹ CATECISMO..., 2011, p. 35; CIC 83.

palavra quer por escrito (cf. 2Ts 2,15), e a que lutem pela fé, recebida uma vez para sempre (cf. Jo 3). Ora estas tradições, recebidas dos apóstolos, abrangem tudo quanto contribui para santidade de vida do povo de Deus e para o aumento da fé; assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela própria é e tudo quanto ela acredita.¹⁰⁰

Por conseguinte, a comunicação que o Pai faz de si mesmo na pessoa do Seu Filho no Espírito Santo é permanente, viva e atuante na Igreja.¹⁰¹ Assim, a Igreja é a que faz a transmissão e a interpretação da revelação, “não deriva a sua certeza a respeito de tudo o que foi revelado somente na Sagrada Escritura, por isso, ambas devem ser aceitas e veneradas com igual sentimento de piedade e reverência”.¹⁰²

2.1. A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E A REVELAÇÃO

O livro dos Atos dos Apóstolos apresenta, a relação estreita que há entre a comunicação da revelação na Igreja e a ação do Espírito Santo neste mundo. Desde o dia de Pentecostes, o Espírito é dado, e é ele que assegura a validade do testemunho apostólico.¹⁰³ Sob a sua iluminação os Apóstolos descobrem ao mesmo tempo o significado total das escrituras e o da existência de Jesus, e é a este duplo objeto que desde então se refere o testemunho,¹⁰⁴ tornando-se assim a revelação conhecida aos homens, para acolhê-la com fé é torna-se necessário conhecer mais o Espírito e sua atuação no processo da revelação divina.

Sendo assim, com a revelação do Espírito Santo aos apóstolos, conforme a promessa de Cristo, aí Deus se revelou solenemente na

¹⁰⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 351- 352; DV 7-8.

¹⁰¹ CATECISMO..., 2011, p. 34; CIC 79.

¹⁰² CATECISMO..., 2011, p. 35; CIC 82.

¹⁰³ At 1,8; 2,1-21.

¹⁰⁴ At 2, 22-41.

redenção humana.¹⁰⁵ As primeiras controvérsias trinitárias levaram à conclusão de que o Espírito Santo, como o Filho, é da mesma essência (substância) do Pai. A longa discussão acerca da questão, se o Espírito Santo procede somente do Pai ou também do Filho, foi firmada finalmente pelo Concílio de Toledo em 589 d.C., pelo acréscimo da palavra “*Filioque*” (e do Filho) à versão latina do Credo de Constantinopla.

À origem eterna do Espírito Santo, por volta do final do século VIII, foi acrescentada no Ocidente ao Credo niceno-constantinopolitano, que diz simplesmente procede do Pai, a fórmula: *procede do Pai e do Filho* (‘*Filioque*’). Para dizer a verdadeira fórmula ‘e do Filho’ estava em uso no século V no Ocidente nos símbolos de algumas Igrejas locais.¹⁰⁶

A processão do Espírito Santo, chamada “espiração”, é sua propriedade pessoal. Muito do que foi dito a respeito da “geração” do Filho também se aplica à do Espírito Santo, e não é necessário repetir, contudo, os seguintes pontos de distinção entre ambas: a geração é obra exclusiva do Pai; a espiração é obra do Pai e do Filho; através da geração o Filho é habilitado a tomar parte na obra de espiração, mas o Espírito Santo não adquire esse poder, o ser de Deus como Pai, Filho e Espírito deve ser pensado como relações de comunhão entre si.¹⁰⁷ Devemos lembrar, porém, que isso tudo não implica nenhuma subordinação essencial do Espírito Santo ao Filho e na espiração, como na geração, há uma comunicação da substância total da essência divina, de modo que o Espírito Santo é igual ao Pai e o Filho.

¹⁰⁵ ARMANDO, M. M. A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO: o ensinamento dos padres capadócijs para a atualidade. **Frontistés - Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia**, S. l., v. 13, n. 24, p. 1-22, 2021. p. 17. Disponível em: <<http://revistas.fapas.edu.br/index.php/frontistes/article/view/44>>. Acesso em: 18 mar. 2022.

¹⁰⁶ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU 2000. **Senhor, a terra está repleta do teu Espírito**. Tradução de Euclides Martins. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 15.

¹⁰⁷ ARMANDO, 2021, p. 18.

A doutrina da processão do Espírito Santo, do Pai e do Filho baseia-se em Jo 15,26, e no fato de que o Espírito é chamado também o Espírito de Cristo e do Filho, em Rm 8,9 e em Gl 4,6, e é enviado por Cristo ao mundo. Pode-se definir a espiração como o ato da primeira e da segunda pessoa da Trindade pelo qual elas, dentro do Ser Divino, vêm a ser a base da subsistência pessoal do Espírito Santo, e propiciam à terceira pessoa a posse da substância total da essência divina, sem nenhuma divisão, alienação ou mudança. O Espírito Santo está na relação mais estreita possível com as outras pessoas.

A tradição oriental põe primeiramente em relevo o caráter de origem primeira do Pai em relação ao Espírito. Ao confessar o Espírito como ‘procedente do Pai’ (Jo 15,26), ela afirma que o Espírito *procede* do Pai *pele* Filho. A tradição ocidental põe primeiramente em relevo a comunhão consubstancial entre o Pai e o Filho, afirmando que o Espírito procede do Pai e do Filho (*Filioque*). Ela afirma ‘de forma legítima e racional’, pois a ordem eterna das pessoas divinas em sua comunhão consubstancial implica não só que o Pai seja a origem primeira do Espírito enquanto ‘princípio’, mas também, enquanto o Pai do Filho Único, que seja com ele “o único princípio do qual procede o Espírito Santo”.¹⁰⁸

Em virtude da processão a partir do Pai e do Filho, o Espírito é descrito como estando na relação mais estreita possível com as outras duas pessoas. O Espírito Santo é aquele que não só é vínculo e dom de comunicação do Pai e do Filho, mas também Ele é o vínculo do Pai e do Filho com a humanidade. De fato, o Espírito é o elo entre a humanidade e o Filho, sendo assim o próprio elo entre o Filho e o Pai.¹⁰⁹ Yves Congar, afirma:

Não há ‘Corpo do Espírito Santo’, mas um Corpo *de Cristo*. O Espírito não é Espírito de Cristo (Rm

¹⁰⁸ CATECISMO..., 2011, p. 74; CIC 248.

¹⁰⁹ ARMANDO, 2021, p. 18.

8,9; Fl 1,9), do Senhor (2Cor 3,17), “Espírito do Filho” (Gl 4,6)? O Espírito realiza, como diz santo Irineu, a ‘*communicatio Christi (commutatio, escreve Sagnard), intimidade de união a Cristo*’. Do ponto de vista do conteúdo, não há autonomia, e muito menos disparidade de uma obra do Espírito em relação à de Cristo.¹¹⁰

Em 2Cor 3,17 lemos: “Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade”. Assim, Cristo é identificado com o Espírito, não quanto à personalidade, mas quanto à maneira de agir. Na mesma passagem o Espírito é chamado “o Espírito do Senhor”.

A obra para a qual o Espírito Santo foi enviado à Igreja no dia de Pentecostes estava baseada em sua unidade com o Pai e com o Filho. Ele veio como o “Paráclito” para tomar o lugar de Cristo e realizar a sua obra na terra, isto é, para ensinar, proclamar, testificar e dar testemunho, como o Filho fizera. Pois bem, no caso do Filho, esta obra de revelação estava firmada em sua unidade com o Pai. Justamente assim a obra do Espírito baseia-se em sua unidade com o Pai e com o Filho.¹¹¹ A constituição dogmática *Lumen Gentium*¹¹², diz:

Consumada a obra que o Pai confiara ao Filho para que ele realizasse na terra (cf. Jo 17,4), no dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dar aos crentes acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. Ef 2,18). Este é o Espírito que dá a vida, a fonte da água que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4,14; 7,38-39); por ele, o Pai dá vida aos homens mortos pelo pecado, até que um dia ressuscite em Cristo os

¹¹⁰ CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor e dá a vida**. Tradução de Euclides Martins Balacin. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 61.

¹¹¹ Jo 16,14-15.

¹¹² A *Lumen Gentium* é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a natureza e a constituição da Igreja, não só enquanto instituição, mas também como corpo místico de Cristo.

seus corpos mortais (cf. Rm 8,10-11). O Espírito habita na Igreja e no coração dos fiéis.¹¹³

É o Paráclito que dá vida ao Corpo Místico de Cristo, trazendo novidade, e é quem o santifica, movimenta. O Santo Espírito é a “alma” do corpo eclesial, é transcendente a ela, apesar de ser, também, imanente, enquanto nela age. Não é o *Espírito da Igreja*, mas o *Espírito de Deus na Igreja*. O Espírito Santo habita nela¹¹⁴ e age no todo de suas ações tornando presente o próprio Cristo. Na vida de cada fiel Ele é o santificador e faz na Igreja o seu mais excelente campo de atuação.¹¹⁵

É *Ruah*¹¹⁶ que une toda a assembleia de fiéis, na vida e com a missão de Cristo, com isso, ninguém pode receber a revelação senão através do Espírito divino¹¹⁷ e é Ele que faz com que a Igreja seja uma realidade vivificante, santificando e transformando a vida dos fiéis, sendo sinal presente da manifestação do Criador. É o Paráclito que dá vida aos sacramentos e finalmente, é Ele que faz frutificar na comunidade eclesial, o dom da comunhão e da sinodalidade¹¹⁸ entre todos.

¹¹³ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org). **Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 101-197. p. 104; LG. 4.

¹¹⁴ CIPOLINI, Pedro C. O Espírito Santo promotor de contínua purificação e renovação da Igreja. **Reveleto**: revista eletrônica espaço teológico da PUC São Paulo, n. 2. *não paginado*, 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/6754/4885>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

¹¹⁵ CIPOLINI, 2007, não paginado.

¹¹⁶ O termo “Espírito” traduz o termo hebraico “Ruah”, o qual, em seu sentido primeiro, significa sopro, ar, vento. Jesus utiliza justamente a imagem sensível do vento para sugerir a Nicodemos a novidade transcendente daquele que é pessoalmente o Sopro de Deus, o Espírito divino. Por outro lado, Espírito e Santo, são atributos divinos comuns às três Pessoas Divinas. Mas ao juntar os dois termos, a Escritura, a liturgia e a linguagem teológica designam a pessoa inefável do Espírito Santo, sem equívoco possível com os outros empregos dos termos “espírito” e “santo”. CATECISMO..., 2011. p. 200; CIC 691.

¹¹⁷ TILLICH, Paul, 2005, p. 156.

¹¹⁸ O tema da “sinodalidade” é de profunda atualidade, adquirindo especial importância desde o Vaticano II, principalmente no pontificado do Papa Francisco. De acordo com seu sentido etimológico, o termo grego “sínodo”

2.2 A IGREJA: SINAL PRESENTE DA REVELAÇÃO

No percurso da Revelação ao longo da história da humanidade, a Igreja tem um papel primordial neste processo. A Igreja nasce na Páscoa de Cristo, quando Ele “passa” deste mundo para junto de seu Pai.¹¹⁹ Com Cristo que sai do sepulcro e feito “espírito que dá vida” (1Cor 15,45) surge uma nova humanidade,¹²⁰ uma nova criatura.¹²¹

A Igreja não somente dá continuidade às boas ações que Jesus Cristo realizou sobre a terra, mas é sinal-sacramento e instrumento de Cristo ressuscitado na força do Espírito, e é criatura do Filho e do Espírito ao mesmo tempo.¹²² O corpo eclesial torna a revelação sempre presente por meio de sua pregação e assim propõe-na e interpreta autenticamente os sinais para cada geração. A Igreja, por si mesma constitui um grande e perpétuo motivo de credibilidade em favor da revelação¹²³ e nunca deve se confundir com Deus, nem pretender ter realizado tudo o que Cristo quis para ela. Ela deve se apresentar, mesmo diante de todas as fraquezas humanas e fragilidades, como o centro da revelação de Deus que acontece no mundo, e como o sinal através do qual os seres humanos podem ir a Deus.¹²⁴

A revelação está, portanto, terminada somente no sentido em que ela atingiu um ponto culminante insuperável que se abre para todos os seres humanos. Já não é mais centrada na vida terrestre de Jesus, e sim, voltada para a sua manifestação final, que abrange, com seus princípios, a história da Igreja. Este ponto culminante é o começo da fluência infinita da plenitude de Cristo e do crescimento da Igreja na plenitude de Cristo e de Deus.¹²⁵ Portanto, a autocomunicação de Deus está na Sagrada

significa “caminhar juntos”. A sinodalidade expressa a participação e a comunhão em vista da missão. A unidade, a variedade e a universalidade do Povo de Deus se manifestam no caminho sinodal.

¹¹⁹ Jo 13,1.

¹²⁰ Ef 2,15; Gl 6,15.

¹²¹ LACAN, 1984, p. 426.

¹²² CIPOLINI, 2007, não paginado.

¹²³ LATOURELLE, 1981, p. 538.

¹²⁴ MORAN, 1969, p. 142.

¹²⁵ MORAN, 1969, p. 145.

Escritura e em todo Magistério, que conduz os seres humanos nos caminhos do Senhor, para que possam tornar-se verdadeiramente filhos de Deus e participar da sua natureza.

O que dissemos até agora sobre a autocomunicação de Deus acha-se na Bíblia e no magistério da Igreja, quando dizem que o homem justo torna-se verdadeiramente filho de Deus; que nele habita como que em seu templo o Espírito de Deus como propriamente divino; que ele participa na natureza divina; que verá face a face a Deus tal como ele é em si, sem nenhuma mediação de espelho, comparação ou mediação.¹²⁶

Deus já disse tudo o que pretendia dizer na Sagrada Escritura, não há possibilidade de ir além da Palavra. A Igreja cumpre a sua missão: Evangelizar, isto é, comunicar aos seres humanos tudo o que ela recebeu de Jesus Cristo, a revelação dos desígnios de Deus-Pai, e essa é sua própria forma de servir ao mundo. A evangelização, anúncio do Reino, é a comunicação: portanto, a comunicação deve ser levada em conta em todos os aspectos da transmissão da Boa-Nova.¹²⁷

Diante de cada tempo, a Igreja assume o desafio de desenvolver uma comunicação adequada aos nossos tempos¹²⁸ e assim, estar cada vez mais próxima dos seres humanos. Deste modo, a comunicação que o Pai faz de si mesmo na pessoa do Seu Filho é permanente e vivificante na Igreja e com isso, só se tem sentido no serviço ao homem e, definitivamente, ao próprio Deus.¹²⁹

Aqui, se chega a um momento importante na reflexão desse trabalho e que vai pautar a continuidade do mesmo e, por isso, torna-se

¹²⁶ RANHER, 1989, p. 155.

¹²⁷ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 1987, Puebla. **Conclusões da Conferência de Puebla:** evangelização no presente momento e futuro da América Latina. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 260; CELAM 1063.

¹²⁸ PUNTEL, 2011. p. 236.

¹²⁹ AZEVEDO, Dermi. Desafios estratégicos da Igreja Católica. **Lua Nova:** Revista de Cultura e Política, n. 60. p. 57-79. 2003, p. 62. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/V5snLmXRYnVk4mpHbSsP49z/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

necessário fazer algumas recordações. Como visto, Deus sai de si e estabelece relação amorosa com o homem, “amo-te com eterno amor” (Jr 31,3), esse amor é fiel. Deus não volta atrás no propósito de amar o ser humano, mesmo que ainda haja infidelidade na parte humana, Ele é fiel, “Mesmo que as montanhas oscilassem e as colinas abalassem, jamais meu amor te abandonará [...]” (Is 54,10).

Assim, não há como negar a realidade de que o ser humano é convidado a estabelecer um diálogo com Deus, “você clamará ao Senhor, e ele responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: aqui estou” (Is 55,9). Pensar o contrário seria negar a própria essência da categoria humana. É o movimento do ser humano para Deus.

Reforça-se: o homem é criado para ser o destinatário desse Amor, antes mesmo do nascimento, “o Senhor chamou-me desde o meu nascimento, ainda no seio de minha mãe, ele pronunciou o meu nome” (Is 49,1), e nesta relação de amor, Deus, tem um carinho especial de afeto pelo seres humanos, “e agora eis o que diz o Senhor, aquele que te criou, Jacó e te formou Israel, nada temas, pois eu te resgato, eu te chamo pelo nome, és meu” (Is 43,1).

Ao mesmo tempo em que Deus se revela, Ele salva, a história da revelação e a história da salvação são a mesma história. A revelação só pode ser recebida na presença da salvação e a salvação só pode ocorrer dentro de uma correlação de revelação.¹³⁰ E a Igreja tem a missão de ser instrumento de salvação, anunciando e testemunhando o Evangelho.

Portanto, a Igreja é comunicadora da revelação divina por excelência. Vale ressaltar: não apenas comunicadora, mas “comunicação”, pois não repete apenas palavras, mas anuncia a Palavra perfeita; não repete gestos, mas faz memória, atualiza os próprios gestos do Verbo encarnado, comunicando a verdade, a bondade e a beleza.

¹³⁰ TILLICH, 2005, p. 154.

2.2. A REVELAÇÃO NOS CONCÍLIOS ECUMÊNICOS VATICANO I E II.

A perspectiva moderna floresce na virada antropocêntrica e na entrada do elemento da historicidade. No início da modernidade, a razão que triunfava não era historicizada, mas sobretudo crítica em relação à tradição, aos dogmas (Immanuel Kant). Em fase posterior, sobretudo por influência de Hegel, a razão histórica ocupa lugar na reflexão filosófica e, por conseguinte, teológica. A teologia da revelação moderna sofre influência de ambas as correntes, da razão crítica e da razão histórica.

A história e a revelação passam a estabelecer entre si um círculo hermenêutico. A história constitui-se horizonte de compreensão da revelação e, por sua vez, sua concepção é afetada pela ela. Hoje não se pode pensar a autocomunicação cristã prescindindo da consciência histórica moderna, que sofre o impacto da realidade da revelação cristã. Nasce desse círculo tanto uma nova concepção de revelação, como de história.

A Igreja, sempre ativa no mundo, somente assim permanecerá se retomar o seu próprio caminho e perceber os pontos de onde devem partir as novas discussões que vão buscar superar antigos desafios. Vejamos um exemplo, no Vaticano I, que põe em questão a autocomunicação de Deus e admite a revelação como ponto de partida para o Ecumenismo, o diálogo inter-religioso e com a cultura.

O Concílio Vaticano I foi celebrado de 1869 a 1870 e encerrado por ocasião da unificação da Itália, sem jamais ter sido retomado.¹³¹ Nele foi discutida a noção católica de revelação que com o iluminismo (ideias filosóficas surgidas na Europa dos séculos XVII e XVIII, negavam a possibilidade da revelação divina, bem como a capacidade cognoscitiva do homem em receber a revelação) o Vaticano I declara o fato de uma

¹³¹ ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílios Ecumênicos**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 368.

revelação sobrenatural¹³²: sua possibilidade, sua conveniência, sua finalidade e discernibilidade e seu objeto. Pela primeira vez um concílio usa explicitamente o termo revelação.¹³³

Todavia, o que é questionado ainda não é a natureza e nem são os traços específicos desta revelação, como ocorrerá no Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado em Roma entre 1962 e 1965,¹³⁴ mas o fato de sua existência, de sua possibilidade, de seu objeto. Assim, a constituição dogmática, *Dei Filius*¹³⁵, do Vaticano I, segundo a qual se pode conhecer a Deus pela chamada “luz natural da razão humana”¹³⁶ expõe não tanto sua natureza, mas, antes, ao fato de sua existência, de sua possibilidade, de seu objeto.

A questão é se há oposição entre o Deus da *razão* e o Deus da revelação, ou seja: se esse *conhecimento* também se refere a Deus¹³⁷ – não só enquanto fundamento originário do mundo – como criador do mundo em sentido estrito, ou a nossa condição de criatura também é parte

¹³² THEOBALD, Christoph. **A revelação**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 46.

¹³³ ALBERIGO, 1995, p. 369.

¹³⁴ O Papa João XXIII, durante discurso de abertura do Concílio Vaticano II, afirmou: “No presente momento histórico, a Providência está nos levando para uma nova ordem de relações humanas, que, por obra dos homens e o mais das vezes para além do que eles esperam, se dirigem para o cumprimento de desígnios superiores e inesperados; e tudo, mesmo as adversidades humanas, dispõe para o bem maior da Igreja [...] Iluminada pela luz deste Concílio, a Igreja, como esperamos confiadamente, engrandecerá em riquezas espirituais e, recebendo a força de novas energias, olhará intrépida para o futuro.

Na verdade, com atualizações oportunas e com a prudente coordenação da colaboração mútua, a Igreja conseguirá que os homens, as famílias e os povos voltem realmente a alma para as coisas celestiais”. JOÃO XXIII, Papa. Discurso na abertura solene do SS. Concílio. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/johnxxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html>. Acesso em 20 mai. de 2022.

¹³⁵ *Dei Filius* é uma constituição dogmática do Concílio Vaticano I sobre a fé católica, que foi adotada por unanimidade e emitida pelo Papa Pio IX em 24 de abril de 1870. A constituição estabeleceu o ensino da "santa Igreja Católica Apostólica Romana" sobre Deus, revelação e fé.

¹³⁶ DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Tradução: José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007. p. 643; DH 3000.

¹³⁷ DENZINGER, 2007, p. 644; DH 3001.

dos dados que se podem conhecer pela luz da razão natural.¹³⁸ Acompanhando a história da Igreja, vemos que o Vaticano I não responde a essa questão, na verdade ensina que Deus é criador de todas as coisas, que ele as criou e continua criando do nada¹³⁹, mas nada diz sobre se esta afirmação é meramente filosófica ou se somente pode ser feita no interior da revelação e, portanto, da autocomunicação pessoal de Deus¹⁴⁰. Com a Constituição Dogmática *Dei Verbum*¹⁴¹, expressa a mudança, realizada pelo Concílio Vaticano II, na compreensão da revelação e da fé cristãs e assim aclarou:

Pela Revelação divina quis Deus manifestar e *comunicar a si mesmo* e aos decretos eternos de sua vontade acerca da salvação dos homens, ‘para fazê-los participar dos bens divinos, que superam inteiramente a capacidade da mente humana.’¹⁴²

É importante reiterar que a questão se coloca dogmaticamente diante do que é fundamental para uma teologia aberta ao diálogo ecumênico, à união entre os cristãos. Segundo testemunhas, antes da abertura do Concílio, a revelação já era considerada tema central, tanto na doutrina católica como no movimento ecumênico, posto que a relação entre Escritura e Tradição constituía o objeto principal do desentendimento de católicos e protestantes. “Uma verdadeira guerra e começaram a circular contra projetos assinados por teólogos de proa, como K. Rahner e Y. Congar, até que, em abril de 1964, o esquema ganhou nova redação, com tonalidade mais bíblica”.¹⁴³

¹³⁸ DENZINGER, 2007, p. 644; DH 3004.

¹³⁹ THEOBALD, 2006, p. 47.

¹⁴⁰ RAHNER, 1989, p. 97.

¹⁴¹ *Dei Verbum* é uma constituição dogmática em forma de bula pontifícia e é um dos principais documentos do Concílio Vaticano II. É designada "constituição dogmática" por conter e tratar "matéria de fé". De fato, o seu conteúdo aborda o delicado e complexo problema da relação entre as Sagradas Escrituras e a Tradição.

¹⁴² CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 350; DV 6.

¹⁴³ SESBOÛE, B. **O Deus da Salvação** – v. II. São Paulo: Loyola, 2002. p. 419.

Observe-se no exemplo dado que a solução trazida pela *Dei Verbum*, no que respeita a Revelação mais como um ato de comunicação de Deus por ele mesmo, mediante, sobretudo, Jesus Cristo, do que um conjunto de ‘verdades’ transmitidas, cumpre exatamente a previsão em que Rahner diz que o Vaticano II teve este papel de ‘começo do começo’, em que pela primeira vez a Igreja católica se coloca *como uma igreja para o mundo*, assumindo a multiplicidade de culturas e, conseqüentemente, de teologias, no caso, todas as teologias cristãs.¹⁴⁴

Diante disso, do Vaticano I ao Vaticano II, existe uma linha de continuidade, que vale ser ressaltada: A revelação é iniciativa de Deus; Deus se revelou através da criação, da história, dos profetas, da Sagrada Escritura e, de modo particular, por intermédio de seu Filho. Por meio da criação e por seu Filho o ser humano com a razão e a fé pode conhecer as perfeições invisíveis de Deus que se revela; aspectos soteriológico e dinâmico da revelação; revelação como graça de Deus concedida àqueles que O amam com fé; o retorno à Tradição e às Sagradas Escrituras.¹⁴⁵

O conceito de autocomunicação de Deus não é apenas uma das questões que o Vaticano II superou, mas nele está a condição de possibilidade necessária a que todas as igrejas cristãs possam, com este fundamento teológico, partir para a grande aventura que nos aguarda na “Teologia do Futuro”,¹⁴⁶ que hoje se vislumbra no diálogo crescente não apenas entre as igrejas cristãs, mas também entre as igrejas não cristãs, por atender uma necessidade decorrente do estreitamento das relações humanas.

Em suma, a grande mudança na chave de interpretação ocorreu na forma de conceber a comunicação divina na *Dei Verbum*. Antes apenas de forma objetiva e inquestionável; agora, se mantém no plano objetivo de interpretá-la, mas também considera o plano subjetivo, respeita-se a

¹⁴⁴ LINHARES, Jussara F. D. S. **Revelação**. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta. 2013. Disponível em: <<http://theologicalatinoamericana.com/?p=1225>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

¹⁴⁵ ALBERIGO, 1995, p. 393.

¹⁴⁶ LINHARES, 2013, *não paginado*.

liberdade de fé de cada um no aderir e dar crédito à verdade revelada. Novidade: a palavra de amizade procede do amor entre Criador e criatura.

Na autocomunicação, Deus quer realizar uma obra de amor: introduzir o homem na comunidade da Trindade, e é a primeira vez que um documento do Magistério descreve assim a economia da revelação (Deus comunicou-se com o homem pelas vias da encarnação e da história) em seu exercício concreto e nessa fase ativa que a faz existir. A autocomunicação se faz pela íntima união dos gestos e das palavras. Por gestos (termo de ressonância mais personalista que fatural) devemos entender as ações salvíficas de Deus, isto é, todas as obras feitas por Deus que constituem a história da salvação. A Palavra é a expressão de Moisés, dos profetas, de Cristo e dos apóstolos.

O Deus que revela é um Pai que se compromete na história e nela se comunica como quem faz a salvação de seu povo.¹⁴⁷ Entretanto, aqui se deve lembrar do caráter sacramental da revelação, segundo a qual continua a ser “mistério”, quer dizer, sinal que remete constantemente para além da possibilidade pessoal de querer defini-la. A revelação nasce da ação gratuita de Deus que decide inserir-se na história, mas ao mesmo tempo a sintetiza, impulsionando-a. Ela é dada com “*gestis verbisque*”¹⁴⁸ realizados por Jesus, mas ao mesmo tempo é o seu mistério que é preciso retornar para compreendê-lo em seu exato valor revelador. O mistério de Deus é o ato da revelação e a própria revelação; Ele, portanto, não poderá jamais esgotar-se no humano.

Com isso, um Deus que se revela na história não pode prescindir das estruturas e da inteligibilidade históricas. Uma compreensão de revelação que fosse incompatível com a historicidade não pode ser verdadeira. Não é revelação de Deus na história.

2.3. O TEMA DA REVELAÇÃO NO PAPADO DE FRANCISCO

¹⁴⁷ LINHARES, 2013, não paginado.

¹⁴⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 348; DV 2.

Desde que foi eleito papa, em 13 de março de 2013, Jorge Mario Bergoglio, tornou-se o alvo dos holofotes da grande mídia, que tentava, naquele momento, descobrir tudo sobre a vida do novo bispo de Roma. O que ninguém esperava quando a fumaça branca apareceu depois de dois dias de Conclave é que o pontífice eleito traria tanta novidade. Além do fato singular da eleição acontecer devido a renúncia de Bento XVI, o que não ocorria desde 1415, o Papa Francisco é o primeiro papa latino-americano e da ordem jesuíta.

Com isso, Francisco destaca-se por sua humildade, ênfase na misericórdia de Deus, visibilidade internacional como papa, preocupação com os pobres e compromisso com o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. Ele é creditado por ter uma abordagem menos formal ao papado do que seus antecessores e sustenta que a Igreja deve ser mais aberta e acolhedora, e em seus discursos o Papa apresenta que existe um somente um caminho à experiência da redenção, revelação de Deus, a pequenas.

A redenção, a revelação, a presença de Deus no mundo começa assim e sempre é assim. A revelação de Deus se faz na pequenez. Pequenez, seja humildade, seja... tantas coisas, mas na pequenez. Os grandes se apresentam poderosos, pensemos na tentação de Jesus no deserto, como Satanás se apresenta poderoso, dono de todo o mundo: “Eu dou tudo se você...”. Ao invés, as coisas de Deus começam brotando, de uma semente, pequena. E Jesus fala desta pequenez no Evangelho.¹⁴⁹

O caminho que Francisco apresenta é um: a humildade, a pequenez, o sair de si para ir ao encontro do Deus que se revela, porém, crítica o clericalismo, que é uma perversão, que renega sempre a eleição gratuita de Deus, sua aliança e sua promessa. Esquece a gratuidade da revelação, esquece que Deus se manifestou como dom, se fez dom para

¹⁴⁹ FRANCISCO. **Homilia de missa na Casa Santa Marta**. Vaticano, 3 dez. 2019. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-12/papa-francisco-missa-santa-marta-igreja-elogio-pequenez.html>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

nós e nós devemos dá-lo, mostrá-lo aos outros como dom, não como nossa posse.¹⁵⁰

Com isso, pode-se ressaltar, mais uma vez, a gratuidade de toda a revelação de Deus, e neste período atual o Papa conduz a Igreja à quebra do clericalismo, da autorreferencialidade, para um encontro, por meio da humildade e pequenez,¹⁵¹ com o amor de Deus, pois, a verdade suprema é a revelação do amor do Pai.¹⁵² Diante disso, o Papa convida a todos os homens de boa vontade a ter um olhar nas realidades presentes neste mundo, seja em contexto de guerra, fome, miséria.

A história dá sinais de regressão. Reacendem-se conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos. Em vários países, uma certa noção de unidade do povo e da nação, penetrada por diferentes ideologias, cria novas formas de egoísmo e de perda do sentido social mascaradas por uma suposta defesa dos interesses nacionais. Isto lembra-nos que cada geração deve fazer suas as lutas e as conquistas das gerações anteriores e levá-las a metas ainda mais altas. É o caminho. O bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam numa vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia.¹⁵³

De tal modo, enquanto a humanidade em diversos momentos busca construir uma sociedade com mais justiça, por outro lado, teve muitos momentos que regrediu, por meio de guerras e conflitos. Todos os dias, os seres humanos são convidados a olhar para Cristo, sinal de esperança

¹⁵⁰ LINHARES, 2013, não paginado.

¹⁵¹ FRANCISCO, 2019, não paginado.

¹⁵² FRANCISCO. **Homilia de missa na Casa Santa Marta**. Vaticano, 24 fev. 2017. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco_cotidie_20170224_justica-com-misericordia.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

¹⁵³ FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**, sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020. p. 15; FT 11.

e felicidade, não pode tornar-se indiferentes as injustiças que acomete tantos irmãos e irmãs, é necessário seguir o exemplo do Bom Samaritano, olhar, ter compaixão e cuidar dos mais necessitados.¹⁵⁴

O amor de Deus, segundo o Papa, revela-se grande no outro.¹⁵⁵ Com efeito, Deus se comunica com sua criação, na sua onipotência paternal pela maneira com que cuida de nossas necessidades.¹⁵⁶ Deus, assim como em outros momentos da história, se autocomunica e se revela espalhando suas sementes de amor a toda a humanidade, papa Francisco afirma:

Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade. A recente pandemia permitiu-nos recuperar e valorizar tantos companheiros e companheiras de viagem que, no medo, reagiram dando a própria vida. Fomos capazes de reconhecer como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns que, sem dúvida, escreveram os acontecimentos decisivos da nossa história compartilhada, [...] compreenderam que ninguém se salva sozinho.¹⁵⁷

O Criador mostra aos seres humanos, que mesmo diante do sofrimento, não estão sozinhos, Ele se compadece com a dor dos homens e mulheres, com sofrimentos de cada pessoa, inspirou e ainda inspira inúmeros movimentos, organizações e pessoas a se mobilizarem para atenuar a agonia das inúmeras vítimas da pobreza, dos males físicos e espirituais. Cada pessoa humana é desafiada a deixar de lado toda a diferença e, em presença do sofrimento, fazer-se vizinhos a quem quer que seja. Assim, já não digo que tenho próximos a quem devo ajudar, mas que me sinto chamado a tornar-me eu um próximo dos outros.¹⁵⁸

Deus, nos pede que sejamos próximos dos outros, que a nossa fé, nosso amor, nossas ações sejam o modo como respondemos à Ele que se

¹⁵⁴ Lc 10,25-37.

¹⁵⁵ FRANCISCO, 2019, não paginado.

¹⁵⁶ CATECISMO..., 2011, p. 81; CIC 270.

¹⁵⁷ FRANCISCO, 2020, p. 38; FT 54.

¹⁵⁸ FRANCISCO, 2020, p. 48; FT 81.

comunica conosco e como nós comunicamos o seu amor aos outros. A solidariedade é uma palavra que lembra vocação primeira da humanidade à unidade e à comunhão.¹⁵⁹

O Senhor se revela na história humana e usa este momento da história para nos comunicar que precisamos repensar o nosso estilo de vida, nossas relações, inclusive com o meio ambiente, casa comum, com toda a criação divina e a organização da sociedade. Dessa maneira, ao entendermos que Deus comunica, buscamos compreender o ser humano contemporâneo, seus sofrimentos e ações e como os homens compreende a revelação hodierna.

¹⁵⁹ CAMBÓN, Enrique. **Assim na terra como na Trindade**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2000. p. 67.

3. A REVELAÇÃO NA ATUALIDADE

Deus, no percurso da história, sempre se comunica com as pessoas que estejam abertas para acolher essa revelação. A autocomunicação do Criador deve sempre estar presente aos seres humanos com a condição prévia da possibilidade de sua acolhida.¹⁶⁰ Nos dois primeiros capítulos deste trabalho percebeu-se a gratuidade do Pai em se revelar, e o modo como esse conhecimento foi adquirido pela Igreja, que é a responsável por continuar a comunicar o amor de Deus a todos os povos e nações.

Assim, a Igreja, mistério de comunhão, a serviço dos homens, continua sendo evangelizadora através dos tempos levando a Boa-Nova.¹⁶¹ Com isso, o gênero humano, tem sua dignidade na imagem e semelhança com o Criador o qual se comunica por amor. Por meio da revelação divina o Senhor quis “manifestar-se e comunicar-se a si mesmo e os decretos eternos da sua vontade a respeito da salvação dos seres humanos”.¹⁶²

Num primeiro momento, viu-se que a própria criação é a autoexpressão do Criador, a “[...] externalização do Deus invisível, é onde se torna palpável seu desejo de ter coamantes”.¹⁶³ Obedecendo etapas e uma pedagogia, o Pai vai se manifestando na realidade por Ele criada e desejada. A aliança é estabelecida na criação do universo pelo Verbo, tem continuidade com Noé e Abraão até formar seu povo, preparando os caminhos para o Evangelho. A plenitude da revelação dá-se em Jesus Cristo. O Filho de Deus feito homem é a Palavra única, perfeita e insuperável do Pai. Jesus é a visibilização de Deus, o desvelar-se do Pai.

Em continuidade, o Verbo encarnado deixa aos apóstolos a missão de continuar anunciando a obra salvífica com a Igreja, que, por isso, é entendida como sacramento de salvação. A Igreja, como mestra, busca responder aos anseios de cada ser humano, em cada tempo da história,

¹⁶⁰ RAHNER, 1989, p. 160.

¹⁶¹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 1985, p. 93; Puebla 167.

¹⁶² CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 351; DV 6.

¹⁶³ SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática**. Tradução de Sander, Luís M. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 20; Volume I.

pois diante das realidades de sofrimento e do autoconhecimento, o Criador se faz presente.

3.1. O SER HUMANO CONTEMPORÂNEO

O Concílio Vaticano II recomendou como ponto de partida da dogmática uma questão básica: “o que é o homem¹⁶⁴?”, questão que traz consigo desafios para a teologia. Contudo, a teologia não pode transformar-se em antropologia, pois o seu objeto é Deus (teo-logia).¹⁶⁵ Com isso, ao longo da história muitas são as opiniões acerca do ser humano. A teologia interessa-se por tudo o que diz respeito ao ser humano e ao modo como ele se manifesta no mundo. Precisamente, o Deus que se manifesta e se revela na plenitude dos tempos, assim o faz na pessoa de Jesus, nos seus condicionamentos históricos e temporais.

Um discurso sobre Deus no qual o ser humano é constitutivo e inseparavelmente compreendido numa relação. Não há, portanto, discurso sobre Deus que não passe, ao menos, no começo, pelo ser humano. A própria palavra ‘Deus’ só existe para mim porque é pronunciada pelo ser humano.¹⁶⁶

O salmo 8 é um canto de admiração a Deus pela beleza da criação. No centro desse salmo, no versículo 5, está uma pergunta crucial: “O que é o ser humano?”. Essa pergunta manifesta o espanto humano diante da percepção de si mesmo em face do seu enigma e mistério.

O SI 8 oferece uma boa explicação: A dignidade ímpar do ser humano e sua proximidade com Deus consistem em que foi coroado com a glória e a honra de Deus e toma parte no poder soberano

¹⁶⁴ O termo homem, no sentido de raça/gênero humano.

¹⁶⁵ GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. Tradução de Euclides Martins. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 29.

¹⁶⁶ GESCHÉ, 2003, p. 31.

(salvífico) de Deus sobre a criação, exercendo-o em seu nome.¹⁶⁷

Da mesma forma, Jó, exclamou: “Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas sobre ele o teu coração, e cada manhã o visites, e cada momento o proves?” (Jó 7,17-18). No fundo, trata-se de uma provocação à própria existência. “Deus é visto como tendo uma ideia sobre o ser humano; ele é um definidor do ser humano”.¹⁶⁸

É de conhecimento geral que a dimensão religiosa, constitutiva da humanidade, fez com que, ao longo das épocas, as pessoas procurassem as religiões no intuito de obterem respostas mais consistentes sobre a vida. No entanto, esse movimento é bastante interessante porque revela a compreensão que o ser humano possui da transcendência. No fundo, o mundo imediato e material não é e nunca foi suficiente para dar conta da sede de sentido que todos possuímos. Por isso, a pergunta feita no salmo não somente nos faz pensar no gesto criador de Deus, mas no lugar que o ser humano ocupa na criação.

Existe, pois, uma diversidade de respostas a esta pergunta fundamental. Ora o ser humano exalta-se a si mesmo como regra absoluta, ora se degrada até o desespero. Daí sua hesitação e angústia. A Igreja percebe estas dificuldades e, instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhe uma resposta, na qual se delineia a “verdadeira condição humana, explicam-se as suas fraquezas e ao mesmo tempo se reconhecem de modo correto sua dignidade e vocação”¹⁶⁹, Gerhard Muller, expressa:

Justamente por causa do ser humano, o encontro pessoal e dialógico não pode deixar para trás a estrutura comunitária, histórica e linguística de sua existência, para ficar “a sós” com Deus na solidão de uma subjetividade diante do mundo (identidade apriorista da consciência com Deus, coordenação dualista do corpo do ser humano com o mundo e do espírito com Deus). Justamente por causa da

¹⁶⁷ MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 93.

¹⁶⁸ GESCHÉ, 2003, p. 31.

¹⁶⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 550; GS 12.

constituição material própria da natureza do ser humano, confirmada pela automediação de Deus ao ser humano no acontecimento histórico da encarnação, é que o acesso à imediatez de Deus somente se dá na nova passagem pelas formas e configurações da mediação.¹⁷⁰

Na contemporaneidade, em tempos em que os valores evangélicos perderam importância diante de tantos outros valores, onde a vivência comunitária da fé já não tem mais sentido, a Igreja não pode deixar de anunciar essa Palavra, e por isso deve atualizar sua linguagem para atingir o coração dos homens. No percurso da história, o ser humano está mudando. Com a advento da tecnologia, a relação humana mudou, assim como o modo dos homens e mulheres se relacionarem com Deus.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas repercutem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto com a relação às coisas e as pessoas.¹⁷¹

Com as mudanças ao longo dos anos, é muito perceptível que o modo de pensar e agir dos seres humanos está cada vez mais secular. A partir do início da época moderna, como foi dito, ele excluiu sistematicamente Deus da política, ciência, arte, moral, direito e um pouco também de todas as manifestações da vida social, limitando a religião quando muito à esfera particular.¹⁷² O Documento de Aparecida diz:

¹⁷⁰ MÜLLER, 2015, p. 49.

¹⁷¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 543; GS 2.

¹⁷² MONDIN, Battista. **Antropologia Teológica**: História, problemas e perspectivas. Tradução de Maria Luiza Jardim de Amarante. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 50.

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, na sua relação com mundo e com Deus; ‘aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes do último século... Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas. Surge hoje, com grande força, uma supervalorização da subjetividade individual [...]’.¹⁷³

Com as transformações de mentalidade e de estruturas, que põe muitas vezes em questão os valores tradicionais que são passados de geração em geração, sobretudo no caso dos mais jovens, que se tornam frequentemente impacientes e, com a inquietação, até rebeldes, “ [...] conscientes da própria importância na vida social, uma vez que aspiram a participação nela o mais rápido possível”.¹⁷⁴

O ser humano, por sua essência espiritual, é propenso para uma abertura ao Ser Divino. Cada sujeito busca a transcendência como o espaço de autocomunicação de Deus, pois foi criado para ser o destinatário do amor do Pai. O desejo de relacionar-se com o ser humano é premeditado por Deus, que quer comunicar-se a si mesmo com suas criaturas.

Assim como Jesus, enviado pelo Pai e ungido pelo Espírito,¹⁷⁵ encarnou-se na sociedade e cultura de seu tempo, também a Igreja deve se encarnar na sociedade e cultura de seu próprio tempo. A cultura de nosso tempo é a forma de vida chamada de contemporaneidade. Como a cultura no tempo de Jesus, ela oferece oportunidades e desafios para a missão da Igreja. Seguindo o exemplo de Jesus, a Igreja deve se encarnar de forma crítica no período atual.

¹⁷³ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. V, 2007, Aparecida. Documento de Aparecida: texto conclusivo. 8. ed. Brasília: CNBB, 2008. p. 3; DAp. 44.

¹⁷⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 551-661. p. 546; GS 7.

¹⁷⁵ Mt 3, 16-17.

A tarefa fundamental da teologia é estabelecer uma clara sintonia entre a mensagem da salvação, de um lado, e as instâncias, a mentalidade, a visão das coisas, a linguagem, os problemas humanos de determinado momento histórico e de um dado ambiente cultural, de outro. [...] A finalidade de toda pregação, assim como de toda a teologia, é aproximar o Evangelho do mundo ‘moderno’, onde sempre volta a situar-se.¹⁷⁶

Antes de seguir adiante, é importante considerar o cenário geral em que o homem atual se encontra. Trata-se do cenário resultante da modernidade, marcado pela forte valorização da razão, pelas descobertas e avanços científicos. Ao lado do futuro promissor, incitado por estes fatores, estão também os fracassos, os descréditos e os sofrimentos que envolveram a humanidade¹⁷⁷. Neste contexto, a *Gaudium et Spes*¹⁷⁸ afirma que as “rápidas e profundas transformações que afetaram a humanidade incidiram diretamente sobre o homem sobre seu modo de pensar e agir”.¹⁷⁹

Por causa dessas profundas transformações, autores como: Mondin, Gesché, Rahner, concordam em dizer que a humanidade hoje vive uma nova época, chamada por alguns de “pós-modernidade”. Ela é marcada pela fragmentação do sujeito, pautada pelo consumismo, afetada pelas inseguranças decorrentes das verdades abaladas, descrente das grandes sínteses e, por estas razões, vive em uma profunda crise de sentido¹⁸⁰. Neste cenário, é preciso repensar a finalidade de toda pregação

¹⁷⁶ MONDIN, 1979, p. 45.

¹⁷⁷ MONDIN, 1979, p. 45.

¹⁷⁸ *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo contemporâneo é a única constituição pastoral e a 4ª das constituições do Concílio Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a Igreja Católica e o mundo onde ela está e atua.

¹⁷⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 546; GS 4

¹⁸⁰ MONDIN, 1970, p. 46.

ou teologia que é justamente atualizar ou “aproximar o Evangelho do mundo moderno, onde sempre volta a situar-se”¹⁸¹.

Essa tarefa é possível conhecendo o homem atual, bem como suas perspectivas e esperanças. No final das contas, o critério hermenêutico para a atualização da mensagem acaba sendo o homem. Mas qual homem? Aquele dos nossos dias, com todos os traços que lhe são típicos, com toda complexidade em que está envolvido e com todas as perspectivas e esperanças que o movem, o que o torna, “[...] o homem moderno é instável e mutável”.¹⁸²

De tal modo, na característica contemporânea é percebida a compressão espaço-tempo, assim, é a aceleração dos processos globais, de contato com o outro, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas.¹⁸³ A secularização é um fenômeno típico dessa época. Neste período, ao menos no mundo ocidental, o ser humano apresenta-se como verdadeiramente autônomo e responsável por sua situação global¹⁸⁴. Este fenômeno cultural é o resultado de um longo e complexo processo histórico, cujas raízes últimas são numerosas e de natureza bem diversificada.

Nas narrativas bíblicas constituem forças históricas de grande eficácia enquanto agentes de secularização, ao demitizarem a natureza cósmica e responsabilizarem eticamente o homem por sua existência e seu destino. “A ciência e a técnica mudaram a face da terra durante os últimos séculos, arrebatam-o em suas espirais e arrastam-o para maneira de ver e fazer cada vez mais novas”¹⁸⁵.

¹⁸¹ SILVA, Mário Correia da. **Homem, que dizes de ti mesmo à Igreja?** Características do homem que desafia a Igreja do Vaticano II. De *Magistro de Filosofia*, ano 10 n. 22. p. 143. Disponível em: <<https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/homem-que-dizes-de-ti-mesmo-%c3%a0-igreja-caracter%c3%adsticas-do-homem-que-desafia-a-igreja-do-vaticano.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2022

¹⁸² MONDIN, 1979, p. 47.

¹⁸³ HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. p. 69.

¹⁸⁴ MONDIN, 1979, p. 47.

¹⁸⁵ MONDIN, 1979, p. 47.

O resultado mais evidente desse processo seria a crise de credibilidade das religiões, tanto na realidade objetiva quanto na consciência dos homens.¹⁸⁶ A secularidade coincide com um processo de real emancipação da vida humana e da razão histórica, em relação ao modo de viver a religião, no âmbito pessoal e social, “uma marca” é antidogmático e antitradicional.¹⁸⁷ O processo secularizante procura entender os diversos setores vitais de maneira inerente à própria realidade humana, sempre mais diferenciada, independentemente dos axiomas metafísicos e também de certa norma religiosa do passado, com isso, “[...] a ideia de tradição foi substituída pela de evolução e progresso”.¹⁸⁸

Levando em consideração este pressuposto é possível começar a perceber que a civilização humana está enfrentando um novo momento de configuração social. Isto se caracteriza pela crise da identidade, que traz como um dos pontos fundamentais a fragmentação humana e gerando a fragilidade dos laços afetivos, o sentir-se extremamente livre em todas as manifestações de sua vida política, social, religiosa, moral, econômica, afetiva, comunitária, etc.¹⁸⁹

Os grupos sociais, já não precisam de bases fixas, o encontro ocorre, sobretudo, por meio das redes virtualizadas de computadores, as amizades existem e deixam de existir através de um toque em um botão. Sendo assim, as identidades socioculturais, que os indivíduos reproduziam localmente, estão cedendo espaço às interações informatizadas.

A cultura moderna é caracterizada principalmente pela racionalidade, desenvolvimento tecnológico, relações de poder, formas de comunicação, agilidade e precisão¹⁹⁰. Além disso, o próprio processo de secularização torna-se problemático quando a *autonomia* secular choca-se com uma forma ilegítima de *heteronomia*, política, cultural e

¹⁸⁶ OLIVEIRA, A. Secularização e mercado religioso em Peter Berger. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. FURG – Carreiro. v. 4 n. 7, p 7- 26, jul. 2012. p. 18. Disponível em: <<https://seer.furg.br/rbhcs/article/view/10463>>. Acesso em: 04 mar. 2022.

¹⁸⁷ MONDIN, 1979, p 48.

¹⁸⁸ MONDIN, 1979, p. 49.

¹⁸⁹ MONDIN, 1979, p. 49.

¹⁹⁰ MONDIN, 1979, p. 50.

religiosa, e também com a própria *teonomia* enquanto tal, isto é, com a própria irrupção do incondicionado no sagrado, transformando-se numa ideologia programática da negação do absoluto e do divino, assim, Mondin, afirma que existem:

Dois elementos essenciais: (a) de um lado, a secularização admite não fazer Deus intervir na explicação do universo e nos acontecimentos que dizem respeito ao mundo e ao homem; (b) de outro lado, procura dirigir empenho e preocupações decididamente para o mundo, para o século, para as realidades terrestre, cuja beleza, grandeza e valor já aprendeu a apreciar.¹⁹¹

Este homem é marcado pelo secularismo, a sua mais forte e influente característica, com dois traços básicos: a autonomia e o empenho para as realidades terrenas. Outra característica do homem secular é construída por seu interesse pela vida presente, em concretude, e historicidade, prescindindo da nostalgia do eterno e rejeitando um modo puramente contemplativo de viver a religião. Da mesma forma o homem secular perde o interesse pelo universo das ideias eternas, concentrando sua atenção na fenomenologia e na dinâmica daquilo que é verificável e controlável. Com isso, sente-se maduro, pois “aprendeu a fazer tudo por si, a governar-se sozinho, resolver os problemas sem recorrer a um ser superior”.¹⁹²

Por isto, o homem secular adere facilmente a uma forma de empirismo pragmático, que o faz valorizar mais os fatos do que as grandes teorias metafísicas, políticas ou religiosas. O ser humano (moderno) tornou-se criticamente pragmático, no sentido, de que só aceita o que lhe é proposto se nisto perceber nítida utilidade e funcionalidade para o seu bem pessoal e social.¹⁹³ Na cultura moderna, a vida perde algumas características fundamentais do mundo arcaico, passando através de um processo de eclipse, no que concerne às formas tradicionais de experiência do sagrado.

¹⁹¹ MONDIN, 1979, p. 50.

¹⁹² MONDIN, 1979, p. 51.

¹⁹³ MONDIN, 1979, p. 53.

A vida, individual e social, torna-se mais racional e mais profana, acentuando sua separação, ou, também, sua ruptura com numerosas crenças do passado religioso ou cultural. Observamos que “[...] numerosas funções vitais emancipam-se da tutela das instituições religiosas, dando lugar a uma certa dessacralização da realidade cultural ou social, interessam pelos resultados: é realista e pragmático”.¹⁹⁴ Isto pode significar tanto uma forma de decadência religiosa, quanto uma forma de purificação profética da própria experiência de fé.

A pretensa eliminação do religioso, enquanto referência a uma “origem transcendente divina, provoca, a absolutização do mundo na sua facticidade, seja enquanto absolutização da natureza, seja enquanto absolutização da lógica racional ou de sistemas científicos”.¹⁹⁵

Para poucos interessam os discursos, sobre a vida eterna, uma vez que muitos se sentem instigados a se contentar e a desfrutar da vida boa na terra. Assim, a forma predominante da religiosidade contemporânea, quando há, é a da busca imediata pela solução dos problemas. Aquilo que a ciência, a técnica e a política não conseguem resolver, a religião soluciona por meio dos milagres. As curas das necessidades da saúde física, saúde emocional, amor e companheirismo não são supridas adequadamente na sociedade hodierna, falta empatia pelos sofrimentos dos outros, o mais importante é o “eu”.

Todos os seres humanos são chamados a procurar a verdade, sobretudo naquilo que diz respeito a Deus e à sua Igreja e, depois de conhecê-la, abraçá-la e praticá-la. Este dever decorre da própria natureza dos seres humanos.¹⁹⁶

3. 2. A RESPOSTA AO SOFRIMENTO HUMANO

¹⁹⁴ MONDIN, 1979, p. 55.

¹⁹⁵ DUQUE, João Manuel. Ambiguidades da secularização entre modernidade e pós-modernidade. **Comunicação & Cultura**: Revista da Universidade Católica Portuguesa, Portugal, v. 11, n.º 11, 2011, p. 19-35 p. 29. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/551>>.

Acesso em: 03 mar. 2022.

¹⁹⁶ CATECISMO..., 2011, p. 554, CIC 2104.

O sofrimento consiste num sentimento de perda, de dano ou de falta, tanto física quanto espiritual. A todos os níveis de existência humana, o sofrimento constitui um problema religioso, já que impõe a quem sofre várias perguntas: como evitar o sofrimento? Por que Deus não criou o mundo sem dor? Por que existe o sofrimento? Esses questionamentos representam algumas das angústias mais universais e antigas da humanidade, e por vezes não é fácil perceber o agir divino na história humana, repleta de sofrimentos causados pela fome, guerra, doenças, explorações, desastres, perseguições, violência e marginalização.

Com isso, pode parecer contraditório conciliar o sofrimento humano com o mistério de um Deus amoroso. “Enquanto o Senhor suporta o mal, converte-o em bem”.¹⁹⁷ A Sagrada Escritura ensina que o Pai convive com suas criaturas e “[...] escuta os clamores de um povo que sofre, é um Deus compassivo” (Ex, 3,7-9). Diante dessas realidades, é necessário entender o silêncio, que se torna o eixo da questão, que relaciona Deus e o sofrimento humano. Diante da realidade dos sofrimentos humanos surge a indagação do silêncio: O que é silêncio? O silêncio não significa ausência; é uma forma de comunicação, que ao ser descoberta por nós transforma nossa maneira de relacionar-nos com Deus. O silêncio é um grito tão forte que ensurdece, paralisa as pessoas que o escutam.¹⁹⁸

O silêncio é condição fundamental e essencial de tudo o que vive, cresce e se modifica. Silenciar não denota imobilidade.¹⁹⁹ Ele é a ação de calar-se diante de uma realidade. O silêncio é um mistério; desconhecemos qual é a Palavra. Mas, seu poder está em ser escutado e percebido, assim como no encontro de Deus com Elias, no Horeb, o Senhor se manifestou em um “[...] ruído de uma leve brisa” (1Rs 19,12).

O silêncio nos traz a oportunidade do questionamento e tal experiência nos remete à Palavra, que coloca o homem no limiar de sua

¹⁹⁷ MOLTSMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Tradução de Ivo Martinazzo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 47.

¹⁹⁸ SPOTO, Donald. **Em silêncio**: por que rezamos. Tradução de Sérgio Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 215.

¹⁹⁹ SPOTO, 2015, p. 2015

existência.²⁰⁰ Ao mesmo tempo em que descobrimos e alimentamos nossa fé a partir da Palavra, que remete ao seu início, sua origem: o silêncio,²⁰¹ descobrimos entre Silêncio e Palavra a dinâmica da revelação de Deus.²⁰² Diante da dor e da morte, constata-se o silêncio humano que se encontra com o silêncio divino, nos “instantes mais profundos a revelação de Deus há sempre um sofrimento: o clamor dos cativos no Egito, o grito estertor de Jesus na cruz, os suspiros por liberdade de toda a criação oprimida”.²⁰³

O caminhar humano em direção ao Senhor encontra-se com o movimento divino em direção ao humano, e é essa a dinâmica, pois Deus não é insensível, está presente. O Senhor não está à margem das dores, angústias e lágrimas de seus filhos, Ele não somente nos ampara no sofrimento, mas participa dele. “Deus sofre conosco, Deus sofre em nós, Deus sofre por nós: essa experiência de Deus revela o Deus unitrinário”.²⁰⁴ O clamor de toda criatura é o mesmo do próprio Senhor: “meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes” (Sl 21,2). Da mesma forma que o Pai se revela compassivo e amoroso, Ele nos chama a assumir uma atitude de compaixão e misericórdia, sendo presença no sofrimento daqueles que padecem, através da solidariedade.

Olhando para a realidade atual é possível constatar que a injustiça aumenta entre as pessoas e em diversos países do mundo. Esta situação interpela todos os seres humanos, pois as dores adquirem rostos concretos: adultos e crianças são encontrados imersos em diversas situações de sofrimento físico ou moral e assim nos deparamos com o mistério da cruz. Deus entra na vida do ser humano para salvá-lo, libertando-o e possibilitando-lhe enfrentar o mal e o sofrimento. Destarte, Deus não é indiferente, não é impassivo, mas Ele se deixa afetar pelo sofrimento dos seus filhos num encontro verdadeiro, de fé. É um amor que se esvazia e respeita até o fim a nossa liberdade e não cessa de nos chamar à conversão.

²⁰⁰ MOESCH, Olavo. **A palavra de Deus**: teologia e práxis da evangelização. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 24.

²⁰¹ Gn 1, 1-2.

²⁰² Sf 1,7.

²⁰³ MOLTSMANN, 2011, p. 20.

²⁰⁴ MOLTSMANN, 2011, p. 20.

Quando o homem, pela fé, experimenta como Deus o experimentou e ainda o experimenta, então Deus para ele deixa de ser a causa abstrata do mundo ou a origem desconhecida do seu sentimento de total dependência, passando a ser o *Deus vivo*. A si mesmo se reconhece no espelho do amor, do sofrimento e da alegria de Deus. Na sua experiência de Deus, experimenta algo da experiência de Deus com ele, parcialmente como que ‘através de um espelho opaco’. Quanto mais entende a experiência de Deus, tanto mais profundamente se lhe revela o mistério da *paixão de Deus*.²⁰⁵

Ao experimentar Deus em nossa realidade, e ao nos aproximarmos dos que sofrem, temos a certeza de que Deus age mediante nossa liberdade e se revela através de nossas ações. Essa posição faz com que repensem a concepção de Deus como Aquele que intervém em casos particulares, para um Deus solidário que está sempre presente na vida humana, que nos apoia nas lutas contra a dor e a derrota. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos seres humanos de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo”.²⁰⁶ É necessário estar presente na vida daqueles que mais precisam de cuidados e, a não ser indiferentes com essas situações.

Cristo é o sinal de nossa esperança, sem ficar indiferentes a tantas ações negativas de exploração, opressão, injustiça que acometem nossos irmãos e irmãs. Precisamos seguir o exemplo do Bom Samaritano, olhar e ter compaixão e cuidar dos mais necessitados.²⁰⁷ Com efeito, Deus se comunica com sua criação, na sua onipotência paternal pela maneira com que cuida de nossas necessidades.²⁰⁸ Deus, assim como em outros momentos da história, se autocomunica e espalha suas sementes de amor à humanidade.

²⁰⁵ MOLTSMANN, 2011, p. 20.

²⁰⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 2017, p. 538; GS 1.

²⁰⁷ Lc 10, 25-37.

²⁰⁸ CATECISMO..., 2011, p. 81; CIC 270.

O Senhor nos mostra, que mesmo diante do sofrimento, não estamos sozinhos, Ele se compadece com nossa dor, com nossos sofrimentos, responde a cada pessoa humana, neste período atual, expressando, “não temas, por que estou contigo” (Is 43,5). Portanto, inspirou e ainda inspira inúmeros movimentos, organizações e pessoas a se mobilizarem para atenuar o sofrimento dos que padecem, Deus não abandona os seus filhos, mas comunica diariamente seu amor, pois age continuamente na história humana.

3.3. A REVELAÇÃO NO HOJE

Mesmo diante dessas realidades em que os seres humanos possam sujeitar-se, Deus continua respeitando a sua liberdade, por amor às suas criaturas, para que possam amá-lo e amar-se reciprocamente. O Criador assim como se revelou, ao longo da história, irá continuar a se revelar à suas criaturas, em cada época atualiza-se a autocomunicação, a partir do modo dos seres humanos se encontram.

A missão da Igreja é a de “trinitizar a vida no mundo, testemunhando com a própria vida a beleza e a verdade”.²⁰⁹ Que o acolhimento da revelação de Deus deve ser movido pela mesma oferta de Deus, e que, em consequência, a aceitação da graça é também por sua vez evento da graça.²¹⁰

A autocomunicação de Deus, acontece no presente, não foi somente no passado e nem será no futuro. O "hoje" da palavra da salvação proclamada por Cristo permanece atual e dirige-se a cada homem, “[...] hoje se cumpriu” (Lc 4,20), hoje vem a salvação, hoje vem o tempo da conversão “[...] vos conceda hoje a bênção” (Ex 32,29).

Esta é a novidade evangélica que não podemos desprezar, porque é em cada geração e em cada época que se cumpre a Palavra libertadora de Deus. A salvação não está no final da caminhada, mas em cada instante da nossa vida. As atuais injustiças, a guerra onipresente, o terrorismo e o

²⁰⁹ CAMBÓN, 2000, p. 204.

²¹⁰ RAHNER, 1989, p. 148.

genocídio devem contribuir para reativar em cada um o senso do hoje da salvação, tornada conhecida pela revelação. No Evangelho de Lucas diz:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação dos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor.²¹¹

Ao citar Isaías 61, Jesus demonstrou que tinha consciência de estar cumprindo o ofício de Messias (v. 24). Ele curou os quebrantados do coração, o que faz referência àqueles desencorajados por causa de sua má situação de vida. Jesus proclamou liberdade aos cativos. No Antigo Testamento, o cativo diz respeito ao exílio de Israel.²¹² Aqui, o cativo alude ao pecado.²¹³ Jesus deu vista aos cegos, uma referência às Suas obras milagrosas,²¹⁴ com implicações espirituais.²¹⁵

Jesus pôs em liberdade os oprimidos. Esse era originalmente o chamado de Israel, mas a nação fracassou em sua tarefa.²¹⁶ O que Israel não conseguiu fazer, Jesus fez. A ilustração aqui remete à realidade física e espiritual. Jesus proclamou o ano aceitável do Senhor, uma alusão ao Jubileu. Este acontecia a cada cinquenta anos e, nesta época, os débitos eram perdoados, os escravos conseguiam sua liberdade, as terras voltavam para seus donos originais. O Ano do Jubileu permitia que se recomeçasse.²¹⁷ Jesus ofereceu o cancelamento total da dívida espiritual e um novo começo àqueles que acreditavam em Sua mensagem. Jesus proclamou o cumprimento do plano de Deus e da promessa em si mesmo, visto que Ele é aquele que fora descrito na passagem. Lucas geralmente registra a condição de cumprimento incluindo a referência hoje.²¹⁸

²¹¹ Lc 4, 18-19.

²¹² Lc 1,68-74.

²¹³ Lc 1,77; 7,47; 24,47; At 2,38; 5,31; 10,43; 13,38; 26.18.

²¹⁴ Lc 7,22.

²¹⁵ Lc 1,78-79; 10.23,24; 18.41-43.

²¹⁶ Is 58,6.

²¹⁷ Lv 25,10.

²¹⁸ Lc 2,11; 5,26; 12,28; 13,32-33; 19.5,9; 22.34,61; 23.43.

Por outro lado, o que é novo vem na sequência: "Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou ao ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele" (Lc 4,20). E Lucas acrescenta: "Então Jesus começou a dizer-lhes: 'Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabam de ouvir'" (Lc 4,21). Acabou o sonho, as belas fórmulas que se repetem incessantemente e os votos piedosos. É hora de agir, o Senhor vem ao encontro dos que ouvem sua Palavra.

O hoje de Jesus Cristo tornou-se o nosso hoje, e seu combate permanece inacabado enquanto sua Palavra de liberdade e de amor não se tornar realidade. O homem não é menos "horrendo" do que ontem. A injustiça e o ódio são um chamado desesperador do servo sofredor por um reino de justiça e de amor. Como na época dos patriarcas e dos profetas, Deus dirige a história. Quando somos sufocados e oprimidos por tanta violência, o silêncio de Deus nos projeta para a revelação, Jesus nos ensina que o Pai nos dá o pão de cada dia hoje.²¹⁹

Os homens de hoje assemelham-se aos do Antigo Testamento, pois esperam a paz, a justiça, a verdade, a vida, o amor, a salvação. No íntimo do seu coração buscam um sentido para cada coisa num mundo aparentemente desprovido de sentido. A estes seres perdidos, a estes homens que caminham nas trevas, Cristo, plenitude da revelação, responde: "Eu sou o caminho, a verdade, a vida" (Jo 14,6), Jesus é o farol que ilumina a cada ser humano, e a todos Ele diz: "Eu sou", pois, para "Deus nada é impossível" (Lc 1,37), desde que ele encontre a nossa "boa vontade" em servir e anunciar o Reino.

3.4. DO SER OUVINTE AO SER ANUNCIADOR

Ficou claro que a revelação acontece no aqui e agora, para cada pessoa humana, mas é preciso que haja abertura para acolher essa autocomunicação do Pai. Contudo, surge o questionamento: é possível, o ser humano reconhecer e ouvir a Palavra? A resposta é sim.

O gênero humano, como ouvinte, é um ser transcendental, voltado para o alto, voltado para Deus. Diante disso, é necessário voltar ao início

²¹⁹ Mt 6,11.

deste trabalho em que se perceberam as ordens diretas do Criador: “Deus disse”: “Das trevas resplandeça a luz, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo” (2Cor 4,6). No meio da escuridão Deus deu a ordem para que a luz viesse à existência. Quando o homem aceita a Cristo como o salvador, o coração, a vida é iluminada por Ele. Através de Jesus Cristo temos acesso à glória de Deus. Jesus é a luz que ilumina a vida! E não há trevas que possam prevalecer quando Ele entra no coração de cada pessoa humana.²²⁰

Deus designou sua palavra como nosso posto de escuta. Aqui nós aprendemos sobre o Mediador, Jesus Cristo, aquele em quem está toda a sabedoria e todo o conhecimento, através do qual nós conhecemos Deus.²²¹

A palavra de Deus não é vã, mas eficaz, potente realiza aquilo que anuncia. É uma palavra que cria, que renova, que dá vida. Contudo, é fundamental voltar-se ao Senhor, para que possa ouvi-lo. O coração humano sempre deseja algo que ainda não tem, e quando o tem, desejaria não ter para sentir novamente o prazer do encontro com aquilo que procurava. Faz-se necessário executar o primeiro passo: parar e ouvir. “Ouve, Israel” (Dt 6,4a), para que possamos entender os mandamentos, e assim, viver os desígnios do Criador, conforme afirma Jesus “Ouve, ó Israel” (Mc 12,28a).

Não é possível viver a vontade de Deus, sem ouvi-lo esse é caminho que o Pai, nos pede que sigamos. E esta prática é um exercício diário, tanto para escutar a vontade do Criador, bem como os anseios dos que mais sofrem e precisam de cuidado.

A narrativa dos discípulos de Emaús do Evangelho de São Lucas,²²² é exatamente isso, o encontro, no Ouvir a palavra, e no partir do Pão. Os discípulos reconhecem Jesus após ele desaparecer da frente deles.

²²⁰ THEOBALD, 2006, p. 82.

²²¹ JENSEN, Peter. **A revelação de Deus**. Tradução de Valdeci da Silva Santo. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 270.

²²² Lc 21,13-35.

Diante deste acontecimento eles reconhecem que “não estava o nosso coração ardendo quando Ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?” (v. 32). A Bíblia é capaz de fazer “arder o coração”, mas para “abrir os olhos” é necessária também a experiência de comunidade, de celebração e de partilha. A “Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito” (Hb 4,12).

Essa Palavra que modifica as estruturas, está expressa no pensamento de São Tiago:

Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência. Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar.²²³

O apóstolo Tiago nos exorta a sermos praticantes da palavra para que não enganemos a nós mesmos; mostrando que de nada adianta ouvir e se maravilhar com as verdades bíblicas se elas não produzem transformação em nosso modo de viver. Ao ouvir e se encontrar com o Senhor, é necessário anunciar. Perante o exposto, a experiência do encontro genuíno com o Senhor transforma toda a pessoa, como a samaritana ao encontrar Jesus²²⁴ ela saiu anunciando o encontro de Jesus, assim, como Nicodemos,²²⁵ esses encontros e outros narrados na Sagrada Escritura, sem dúvidas, mudam a vida das pessoas, fazendo com que ganhae alegria, disposição e busca por Deus.

²²³ Tg 1,22-25.

²²⁴ Jo 4,7-30.

²²⁵ Jo 3,1-21.

Ao se encontrar e ouvir a Palavra revelada, cada pessoa transformada, passa de ouvinte a ser anunciador, sai de si e vai ao encontro dos que mais necessitam. Bento XVI, afirma: “[...] a missão de anunciar a Palavra de Deus é dever de todos os discípulos de Jesus Cristo, em consequência do seu batismo”.²²⁶

“Uma Igreja que vá ao encontro do outro”. Esse é o desejo e o pedido que o Papa Francisco vem reforçando. Não é uma atitude cristã de se fechar dentro de seus Templos e ali permanecer, imóvel, sem o ardor necessário para levar o Evangelho a toda criatura. Um sonho que, na verdade, pertence à constituição e essência da Igreja. O próprio Jesus, no dia de sua ascensão, já ordenou: “Ide e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19).

De fato, a novidade do anúncio cristão é a possibilidade de dizer a todos os povos: “Ele mostrou-Se. Ele em pessoa. E agora está aberto o caminho para Ele. A novidade do anúncio cristão não consiste num pensamento, mas num fato: Ele revelou-se.”²²⁷

A Igreja deve anunciar a Palavra para aqueles que já creem e para aqueles que estão fora de seu rebanho (Igreja já feita e Igreja ainda a ser reunida). “A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus”.²²⁸ Para a Igreja, anunciar o Evangelho deve ser um motivo de orgulho, assim como era para os apóstolos e para as primeiras comunidades cristãs. Não tinham medo, enfrentavam o martírio com sentido de entrega e conformidade com a Cruz de Cristo. Papa Francisco expressa:

A Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que primeiramente²²⁹, que se envolvem,

²²⁶ BENTO XVI. **Exortação Apostólica Verbum Domini**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 174; VD 94.

²²⁷ BENTO XVI, 2010, p. 173; VD 92.

²²⁸ FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 23. EG 24.

²²⁹ Primeirar, envolver-se, acompanhar, frutifica e festejar.

que acompanham, que frutificam e festejam. Primeiramente – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe envolver-se. Jesus lavou os pés aos seus discípulos.²³⁰

Cada pessoa humana deve buscar viver, ouvir e anunciar com coragem Jesus Cristo. Ir sem medo às periferias existenciais da sociedade, construindo uma Igreja que toma a iniciativa, sem medo de ir ao encontro dos afastados, de chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos.²³¹ É um convite especial à passagem de uma Igreja autorreferencial, centrada em si mesma, para uma Igreja aberta à alteridade, porque “[...] quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem”.²³²

Isso significa dizer que “a Igreja não é um ‘para si’, mas um ‘para os outros’”.²³³ Que a alegria do Evangelho mova cada pessoa a fazer de modo presente e consciente o anúncio da Palavra de Deus, a todos que mais precisam. Esta prática nos impele a fazer uma experiência concreta com Jesus, reconhecendo sua revelação, ouvindo, praticando e anunciando o Senhorio do Senhor, a todas as criaturas, crentes e não crentes, aos necessitados e oprimidos.

²³⁰ FRANCISCO, 2013. Não paginado; EG 24.

²³¹ FRANCISCO, 2013, p. 23; EG 24.

²³² FRANCISCO, 2013, p. 23; EG 24.

²³³ VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 429.

CONCLUSÃO

Chegar ao final de um Trabalho de Conclusão de Curso leva-nos a pensar sobre todos os caminhos percorridos, conteúdos e conhecimento apreendidos durante o curso de Teologia nesses quatro anos. É uma história, mesmo que pequena, de sonhos, lutas, alegrias e conquistas.

Assim também o é com todos os homens e mulheres dentro da história humana em sua relação de autocomunicação de Deus. Muitos foram os sonhos, muitas foram as dificuldades e muitas são as vitórias. Desse modo, fica claro que a Igreja não apenas faz comunicação, mas a Igreja é comunicação do amor Deus a todo o gênero humano.

No caminho que foi percorrido neste trabalho, foi preciso perceber que Deus utilizou-se de uma pedagogia para se relacionar com o ser humano. Desde a criação, Deus vem se comunicando com os seus, com aqueles que ama. Estabelecer a Aliança significa, justamente, estar em comunicação, estar em diálogo: Deus se dá a conhecer e o homem vai respondendo a esse projeto amoroso.

No “faça-se” divino, narrado no Gênesis, a Palavra surge como criadora. Deus cria pela Palavra, comunicando, isto é, o homem é fruto da comunicação. Ao comunicar a vida ao primeiro homem e à primeira mulher, Deus designa-os à missão de continuar a mesma obra, o mesmo anúncio. Nessa consciência, o ser humano permite-se posicionar em relação ao outro e não isolado no mundo.

O criar pela palavra torna-se o primeiro gesto comunicativo de Deus, o qual vai antecipar todas as outras manifestações ao longo da história. A Palavra é o primeiro modo com que Deus se apresenta. A comunicação com Seu povo é eterna e definitiva, isto é, Ele continua se revelando e se comunicando com o ser humano. O convite à Aliança se perpetua em todos os tempos e é capaz de enfrentar qualquer crise, pois o amor comunicativo de Deus é incansável, haja vista Noé, Abraão e os profetas e tem o seu ápice em Jesus Cristo, o Verbo encarnado.

A história da salvação torna-se uma história de revelação, do Criador a criatura. Deus mantém uma eterna e definitiva comunicação com os seus, isto é, Ele continua se revelando e se comunicando com o ser humano.

Em Jesus Cristo a humanidade recebe a perfeita revelação do Pai. Há um salto de qualidade nessa comunicação. O próprio Verbo criador se faz homem. O Salvador anunciado e prometido habita a terra. Com isso, Deus anuncia plena e absolutamente o projeto de comunicação que deseja para todos os seus filhos: o amor. Como Supremo comunicador do Pai, Jesus faz a opção por um processo de inculturação. Depois de sua morte e ressurreição, deixa a tarefa do anúncio e da comunicação do Evangelho e das maravilhas de Deus aos apóstolos.

Hoje, essa missão cabe à Igreja Católica Apostólica Romana, depósito de fé e comunicadora da revelação por excelência. Numa época em que a humanidade se encontra numa encruzilhada do seu desenvolvimento, na qual os valores materiais, aparentemente, se sobrepõem aos valores humanos, a Igreja tem papel primordial de ir ao encontro dos povos na promoção e defesa dos valores que a comunidade eclesial defende e anuncia.

O Deus que se autocomunica, deseja ser comunicado. Esse é o papel da Igreja: depósito de fé e comunicadora do Evangelho. Portanto, o ser absoluto torna-se imediato ao ser humano, que se realiza e se completa. E mais, o próprio Deus suscita no ser humano a capacidade de reconhecê-Lo e de acolhê-Lo.

Esse trabalho não quis ser apenas um reproduzidor do pensamento acerca da revelação, mas levar o leitor a percorrer um caminho, apresentando aspectos da autocomunicação de Deus ao longo da história, inferindo que o homem é o ser aberto e ativo no processo da revelação divina.

O ser humano, vale ressaltar, é um ser propenso ao diálogo com Deus, mas para que possa acontecer é necessário, humildade e abertura ao diálogo. Pensar assim reforça o papel da Igreja como continuadora da mensagem do Pai, que teve seu papel em Jesus Cristo. Numa sociedade cada vez mais secular, a Igreja é convidada a dialogar com o mundo e os homens.

Recupera-se a ideia desse Deus que, desde o início, comunica-se com seu povo e mostra como a Igreja precisa dar continuidade à essa comunicação que teve como ápice o Verbo encarnado, como se lê no Epílogo de João. Mostra que existe uma profunda e íntima relação entre

Igreja e Revelação, já que a Salvação trazida por Jesus Cristo se dá como ato de comunicação. A história da revelação é a história de um encontro e um diálogo entre Criador e criatura. Toda a Igreja é e faz comunicação. A Igreja, como corpo místico, dá sequência ao mandato de Jesus Cristo de anunciar o Reino de Deus. Assim como o Pai ela se autocomunica e dialoga com seu povo de modo livre, também Deus espera uma resposta livre de todos os seus filhos.

Essa, portanto, é a preocupação hoje, fazer com que a Palavra comunicada pela Igreja, que passa pelos gestos, testemunho e acolhida, seja entendida pelo homem do século XXI, marcado pelo individualismo e pela busca em respostas rápidas. O pensamento desse homem é antropocêntrico e enfrenta uma crise de fé: se o que vale é a realização pessoal do sujeito, o que Deus tem a influenciar? Por que pensar o comunitário? Por que participar de uma Igreja ou professar uma fé? É por esses e outros questionamentos que a Igreja não pode se afastar, mas deve estar em constante busca pelo ser humano. Chorar com ele, sofrer com ele, se alegrar com ele.

Desafios que questionam, e até podem chegar a incomodar a estrutura eclesial (ou parte dela). Nessa nova concepção de mundo, a Igreja não pode se posicionar apenas como defensora e conservadora de uma tradição, repetindo doutrinas e raciocínios abstratos de Deus, mas precisa fazer com que o ser humano entenda o projeto do Pai, experimente o conteúdo da revelação cristã e compreenda que somente em Deus se encontra a felicidade tão desejada. Se assim não for, a Igreja está se autocondenando ao fracasso.

Assim como o Pai se revelou em uma cultura e em uma época determinada, a Igreja também deve fazer com que o homem de hoje se veja e se entenda como alguém que vive um tempo teológico, um tempo da manifestação de Deus, na sua cultura, na sua época, na sua história. O homem deve perceber que na sua realidade pessoal e comunitária, no dia a dia, se dá a eternidade de Deus, isto é, na sua subjetividade, o ser humano deve ser capaz de escutar a revelação feita pelo próprio Deus, por intermédio da Igreja.

Portanto, fica especificada a função da Teologia, e consequentemente do anúncio do Evangelho: ajudar as pessoas a se

encontrarem com Deus. Um encontro não apenas no campo teórico, mas no campo da experiência. Isso não faz com que Deus deixe de ser Mistério. É indiscutível que as culturas devem ser abarcadas por essa evangelização, ou seja, Deus deve se revelar em todas as culturas por meio da pregação.

E ainda, esse ser está envolvido por uma cultura secular e, conseqüentemente, uma nova vida espiritual. A ação criadora e salvífica de Deus é contínua. Isso significa que não há uma separação radical entre as ações de Deus em favor dos seres humanos no Antigo e no Novo Testamento, mas uma continuidade diferenciada. O Deus de Israel é o mesmo Deus de Jesus Cristo que, desde sempre, tomou a decisão de salvar sua criação e o faz manifestando-se, comunicando-se com a humanidade, desejando participar da vida do ser humano e, assim, partilhar de suas dores, sofrimentos, alegrias, vitórias e derrotas.

O apelo pelo subjetivismo, pela experiência individual e pela emoção, dificulta um seguimento autêntico a Jesus Cristo e uma adesão ao projeto de instauração do Reino. A Igreja precisa estar próxima de todas as culturas, ir ao encontro dos homens de boa vontade. A essa certeza dá-se o nome de “enculturação”. Mas será que a mensagem anunciada pela Igreja chega ao coração humano?

A mudança de linguagem proposta por este trabalho se dá em dois campos: o primeiro é tomar consciência que a revelação acontece no hoje da existência humana, enquanto um segundo é ouvir a Deus e ir ao encontro dos que precisam do anúncio libertador do Senhor. Enfim, o homem é criado para ser o destinatário do amor do Pai. O desejo de relacionar-se com o ser humano é premeditado por Deus, que quer comunicar-se a si mesmo.

Esse pensamento ajuda a entender que a Igreja deve estar em constante saída, no encontro com o outro, onde a evangelização deve respeitar o ser dentro da sua própria cultura, ou seja, é preciso trazer a fé para mais perto da realidade da pessoa que ouve a Palavra. Contudo, a experiência de fé pessoal deve ser direcionada para a experiência coletiva: a Igreja.

E essa mudança de pensamento e de atitude não se trata apenas de uma realização ou de um gesto e outro dentro da liturgia, o que seria muito

fácil de ser resolvido, mas uma preocupação mais profunda, como já foi dito: a Palavra anunciada, por gestos e palavras, tem sido compreendida pelos fiéis católicos? Será que a estrutura ritual da liturgia consegue converter corações? Jesus assumiu a linguagem do seu povo, com aquilo que lhe era possível, preocupando-se apenas com que a mensagem fosse compreendida. Assim também deve fazer a Igreja, assumindo a linguagem do seu povo.

Outro ponto conclusivo é sobre ser ouvinte e ir ao encontro de todos os que precisam. Primeiramente, é preciso ir além do simplesmente anunciar, mas é preciso fazer com a Palavra revelada seja encarnada na vida de cada ser humano, onde pode acontecer um ouvir os desígnios de Deus, entender sua vontade e mudar de vida.

Não é fácil para a Igreja se posicionar assim, pois é uma estrutura que já vem de séculos, observando apenas uma linguagem intraeclesial. O que se quer dizer, portanto, que numa época marcada pela simbologia e pela interatividade, a comunicação eclesial também tem que privilegiar esses conceitos. O cristão, hoje, se sente tentado a interagir, dialogar e opinar. Mas isso exige preparo, boa fala e discurso fácil por parte do presbítero ou daquele que comunica em nome da Igreja. Não se quer negar que a Tradição, o Magistério e a Sagrada Escritura compõem a fé da Igreja Católica Apostólica Romana. Mas a tradição se faz na história, e a história de hoje é bem distinta.

O segundo ponto é, ao ouvir e compreender o Senhor, cada pessoa, ao vivenciar o hoje da revelação, vai ao encontro dos que mais precisam, anunciando e levando a boa nova aos que mais precisam, saindo de si, para que o outro possa fazer uma experiência com o Deus que se revela e o liberta das opressões.

Portanto, esse tempo presente é, vale reafirmar, o lugar teológico, onde a Igreja deve se fazer presente. Para tanto, entende-se como necessário que a Igreja se utilize dessa linguagem para atrair as pessoas para a Palavra e para a Tradição. *Ecclesia* não deve ser deste mundo, mas deve atuar nesse mundo. Assim, ao caminhar em direção ao Deus que se autocomunica, não se pode fazer apenas pela Lei e pelas normas, mas no amor.

Assim, ao terminar o presente trabalho, fica o entendimento de que se deve dar continuidade à novas pesquisas em torno da temática aqui abordada, uma vez que, este estudo acadêmico não teve o objetivo de esgotar todo o tema, diante da exiguidade do tempo, mas esboçou de forma breve, a relação entre a revelação divina e o ser humano contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílios Ecumênicos**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

ARMANDO, M. M. A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO: o ensinamento dos padres capadócius para a atualidade. **Frontistés - Revista Eletrônica de Filosofia e Teologia**, *S. l.*, v. 13, n. 24, p. 1-22, 2021. p. 17. Disponível em: <<http://revistas.fapas.edu.br/index.php/frontistes/article/view/44>>. Acesso em: 18 mar. 2022.

AZEVEDO, Dermi. Desafios estratégicos da Igreja Católica. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 60. p. 57-79. 2003, p. 62. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/V5snLmXRYnVk4mpHbSsP49z/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10. abr. 2022.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**: Volume II. Tradução de Helmut Alfredo Simon. e. 4. São Paulo: Loyola, 1988.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Verbum Domini**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

BLANK, Renold J. **Deus na história**: centros temáticos da Revelação. São Paulo: Paulinas, 2005.

BOGAZ, Antônio S. **Patrística Caminhos da Tradição Cristã**: textos, contextos e espiritualidade da tradição dos Padres da Igreja antiga, nos caminhos de Jesus de Nazaré. São Paulo: Paulus, 2008.

CAMBÓN, Enrique. **Assim na terra como na Trindade**. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2000.

CATECISMO Da Igreja Católica. São Paulo: Loyola. 2011.

CIPOLINI, Pedro C. O Espírito Santo promotor de contínua purificação e renovação da Igreja. **Reveleto**: revista eletrônica espaço teológico da PUC São Paulo, n. 2. *não paginado*, 2007. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/6754/4885>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU 2000. **Senhor, a terra está repleta do teu Espírito**. Tradução de Euclides Martins. São Paulo: Paulinas, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 347-367.

_____. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 551-661.

_____. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documento do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 7^a ed. São Paulo: Paulus, 2017. p. 101-197.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008.

_____. 1987, Puebla. **Conclusões da Conferência de Puebla**: evangelização no presente momento e futuro da América Latina. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor e dá a vida**. Trad. Euclides Martins Balacin. São Paulo: Paulinas, 2005.

DENZINGER, Hunnermann. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Tradução de José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DROLET, Gilles. **Compreender o antigo testamento**: um projeto que se tornou promessa. São Paulo: Paulus, 2008.

DUQUE, João Manuel. Ambiguidades da secularização entre modernidade e pós-modernidade. **Comunicação & Cultura**: Revista da Universidade Católica Portuguesa, Portugal, v. 11, n.º 11, 2011, p. 19-35

p. 29. Disponível em:
<<https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/551>
>. Acesso em: 03 mar. 2022.

FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis: Fundamentos de dogmática histórica – a história salvífica antes de Cristo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. v. 3.

FIORENZA, Francis S; GALVIN, John P. **Teologia sistemática: Perspectivas católico-romanas**. Tradução de Paulo Siepierski. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***, sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Homilia de missa na Casa Santa Marta**. Vaticano, 24 fev. Não paginado. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco_cotidie_20170224_justicia-com-misericordia.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

_____. **Homilia de missa na Casa Santa Marta**. Vaticano, 3 dez.: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-12/papa-francisco-missa-santa-marta-igreja-elogio-pequenez.html>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. Tradução de Euclides Martins. São Paulo: Paulinas, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JENSEN, Peter. **A revelação de Deus**. Tradução de Valdeci da Silva Santo. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LACAN, Marc-François. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

LATOURELLE, René. **Teologia da revelação**. Tradução de Flávio Cavalca de Castro. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

LINHARES, Jussara F. D. S. **Revelação**. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta. 2013. Disponível em: <<http://theologicalatinoamericana.com/?p=1225>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

MOESCH, Olavo. **A palavra de Deus**: teologia e práxis da evangelização. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Tradução de Ivo Martinazzo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MONDIN, Battista. **Antropologia Teológica**: História, problema e perspectivas. Tradução de Maria Luiza Jardim de Amarante. São Paulo: Paulinas, 1979.

MORAN, Gabriel. **Teologia da Revelação**. São Paulo: Herder, 1969.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, A. Secularização e mercado religioso em Peter Berger. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. FURG – Carreiro. v. 4 n. 7, p 7- 26, jul. 2012. p. 18. Disponível em: <<https://seer.furg.br/rbhcs/article/view/10463>>. Acesso em: 04 mar. 2022.

PUNTEL, J. T. A Igreja a caminho na comunicação. **Teocomunicação**: revista de estudo de teologia e comunicação da PUC Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242, jul./dez. 2011. p. 222. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/teo/article/view/9755/6685>>. Acesso em: 23 mar. 2022

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**: introdução ao conceito de cristianismo. Tradução de Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.

ROSA, Dirlei Abercio da. **Projeto do Pai**: roteiro para estudo do Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2010.

SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática**. Tradução de Sander, Luís M. Petrópolis: Vozes, 2012; Volume I.

SESBOÛE, B. **O Deus da Salvação**. São Paulo: Loyola, 2002; Volume 2.

SILVA SANTOS, Bento. **A experiência de Deus no Antigo Testamento**. Aparecida: Santuário, 1996.

SILVA, Mário Correia da. **Homem, que dizes de ti mesmo à Igreja?** Características do homem que desafia a Igreja do Vaticano II. De *Magistro de Filosofia*, ano 10 n. 22. p. 143. Disponível em: <<https://www.catholicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2017/09/homem-que-dizes-de-ti-mesmo-%c3%a0-igreja-caracter%c3%adsticas-do-homem-que-desafia-a-igreja-do-vaticano.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2022

SPOTO, Donald. **Em silêncio**: por que rezamos. Tradução de Sérgio Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

THEOBALD, Christoph. **A revelação**. São Paulo: Loyola, 2006.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**: Três volumes em um. Tradução de Getúlio Bertelli, Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus**: processo histórico da consciência eclesial. Petrópolis: Vozes, 1996.

